



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Desportos - CDS  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física  
Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica

## **SUPERSTIÇÃO NO ESPORTE**

Dissertação de Mestrado

ERASMO MARCELO DAMIANI

Florianópolis, dezembro de 2005

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Desportos - CDS  
Programa de Pós-Graduação em Educação Física  
Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica

ErasmO Marcelo Damiani

## **SUPERSTIÇÃO NO ESPORTE**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física na área de Concentração de Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elenor Kunz.

Florianópolis  
2005

# SUPERSTIÇÃO NO ESPORTE

A Dissertação **Superstição no Esporte**, elaborada por ERASMO MARCELO DAMIANI e julgada e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pela PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Florianópolis, dezembro de 2005.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Elenor Kunz - Orientador

---

Prof. Dr. Luiz Osório Cruz Portela

---

Prof. Dr. Mauricio Roberto da Silva

---

Prof. Dr. José Luiz Cirqueira Falcão

Dedico este trabalho à minha esposa, Carla,  
que me incentivou desde o início a vencer este desafio, e à minha filha,  
Isabela, que mesmo antes de nascer deu-me forças para que eu  
pudesse concluir mais essa etapa da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Os agradecimentos se fazem necessários para aqueles que acompanharam o desenvolvimento e a construção deste trabalho, no intuito de que eu chegasse à etapa final. Muitos foram responsáveis para que isso acontecesse, os quais relaciono a seguir.

A Renildo Nunes, amigo de todos os momentos, que me mostrou o caminho para que eu pudesse vencer mais esse desafio.

Ao meu orientador e amigo, Elenor Kunz, que acima de orientador foi um amigo que soube me compreender e que com muita paciência conduziu-me a este trabalho, mostrando-me um novo modo de vida.

Aos meus pais, Erasmo e Nelsa, que, mais do que ensinar mostraram-me que a família é o alicerce de tudo, proporcionando-me alegria, carinho, crescimento espiritual e principalmente muito amor.

Às famílias Damiani e Lopes, que compreenderam todos os meus momentos e nunca deixaram de me incentivar.

*Dizem que todos procuramos um sentido para a vida.  
Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando  
é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano  
puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais  
íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos.*

*Joseph Campbell*

## RESUMO

DAMIANI, Marcelo Erasmo. **Superstição no esporte**. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

Os estudos mais aprofundados sobre a superstição, do ponto de vista teórico, não se encontram facilmente em teorias sociológicas e filosóficas. No entanto, como constatado pelo senso comum e em especial pela consulta aos meios de comunicação há uma variedade enorme de condutas que podem ser classificadas como supersticiosas. No esporte isso é fato habitual e aceito por todos (embora alguns digam que não têm superstição, apenas vestem a mesma camisa em dias de clássico – caso de alguns técnicos de futebol). É também desse contexto que os meios de comunicação de massa – a mídia – extraem seus assuntos mais curiosos de superstição. Porém, assim como na vida cotidiana, também no âmbito esportivo não se encontram análises mais aprofundadas sobre esse fenômeno. Esta pesquisa, portanto, além de fazer um registro amplo dos fatos mencionados pelos meios de comunicação, por pessoas diretamente envolvidas no esporte e também por vivências pessoais do pesquisador, dará ênfase a uma análise teórica, do ponto de vista de alguns poucos autores que se interessam pelo estudo da superstição e fazem incursões pelo tema do esporte. Dessa forma, procurou-se explorar, em primeiro lugar, uma melhor conceituação do tema *superstição*, verificando a sua inclusão em tópicos que versam sobre mito, magia e religião. Em seguida, realizou-se um estudo sobre as análises de autores que tratam o tema específico da superstição no esporte. E, por último, traçando-se uma coerência com os temas teóricos estudados, apresentou-se uma síntese de alguns exemplos característicos de superstição no esporte, em especial no futebol, como uma tentativa de classificação de acordo com algumas categorias encontradas na literatura.

**Palavras-chave:** superstição; supersticiosa; mito; magia.

## ABSTRACT

The superstition studies, in a deepen way, have not been found easily in sociological and philosophical theories. However, there's a variety of behaviors considered superstitious according to the means of communication and among the common sense. It's acceptable and considered a normal fact in the sports area, although some people say they don't have superstitions, they only wear the same shirt in those days of classical matches (soccer coaches use to do that). That is the context where the media get the most interesting and curious cases of superstitions. Unfortunately, there are no deeply analysis about this phenomenon in the day-by-day life as well as in the sports area. The present research , besides having the purpose of registering facts regarding to this issue through the means of communication (people from sports as well as personal experience from the researcher), will emphasize a theoretical analysis according to few researchers who are also interested about sports in general. In this way, first of all, the aim was evaluating better the theme superstition, as well as verifying its inclusion in themes about myths, magic and religion. After that, it was made a study about the analysis of some authors and researchers who refers to the same specific matter in sports superstitions. At the end, a synthesis of some examples about the superstitions in sports, especially in soccer, are presented in order to classify some categories found in literature.

**Keywords:** superstition; superstitions; myths; magic.

# SUMÁRIO

<b>I CAPÍTULO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
1.1 O Problema e sua justificativa .....	9
1.2 Objetivo geral .....	21
1.3 Objetivos específicos .....	22
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>25</b>
<b>2 SUPERSTIÇÃO E ESPORTE</b> .....	<b>25</b>
2.1 Uma breve revisão teórica.....	25
2.2 Superstição: uma possibilidade de conceituação.....	29
2.2.1 Magia, mito, religião e misticismo.....	32
2.3 Superstição no futebol brasileiro .....	43
2.4 Ciência e superstição .....	54
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>68</b>
<b>3. Alguns casos de superstição no esporte</b> .....	<b>68</b>
3.1 A formação do mito esportivo e sua relação com a superstição .....	79
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>84</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>89</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>95</b>

# **I CAPÍTULO**

## **1 INTRODUÇÃO**

### **1.1 O Problema e sua justificativa**

Considerado como um dos fenômenos sociais deste século, o esporte apresenta os mais variados modos de sociedades e indivíduos que participam do espetáculo esportivo ou que o organizam. No transcorrer da sua história, o esporte tem atingido no mundo, e mais recentemente no Brasil, uma evolução muito grande em termos de treinamento tanto físico como técnico. Essa evolução dá-se em busca da superação de limites e da incessante procura pela vitória a qualquer preço, sendo também uma forma de mostrar a força de um povo, de uma raça. Desde o seu surgimento o esporte sempre teve esses propósitos da competição, da vitória e, como conseqüência, o gradativo aumento de rendimento nas práticas esportivas. Porém, foi com a entrada mais forte das chamadas Ciências do Esporte e do grande desenvolvimento da tecnologia aplicada ao esporte de um modo geral que se pôde perceber um salto enorme nos resultados esportivos, desencadeando, assim, também um processo mercadológico para o esporte. Ou seja, o esporte passa a ser visto como uma mercadoria muito valorizada no mercado mundial.

No entanto, existem elementos que mesmo com a evolução do treinamento e da ciência continuam fazendo parte do dia-a-dia dos atletas de alto nível bem como do próprio treinador e dos demais membros das comissões técnicas. Apesar de serem movidos por uma racionalidade técnica, especialmente derivada dos modelos de treinamento, esses elementos tocam

profundamente a auto-estima desses profissionais, o seu poder de reação e o seu lado emocional, e influenciam indiretamente no seu rendimento dentro do campo, na pista de atletismo, na quadra, enfim, onde estiverem praticando o seu esporte. Tais elementos fazem parte do comportamento humano, do seu padrão cultural e da sua socialização, e às vezes acompanham o atleta em toda a sua vida, o que a ciência, em uma concepção lógico-matemática ou anátomo-fisiológica – bastante preponderante nos trabalhos do treinamento esportivo – ainda não consegue explicar. Quando menciono esse universo, falo como uma pessoa que viveu durante anos no meio esportivo e que ainda vive: como atleta (10 anos no atletismo), como preparador físico (8 anos entre o futsal e o futebol profissional), como dirigente esportivo (6 anos) e nos últimos 2 anos como supervisor de futebol das categorias de base de um clube de futebol profissional.

Trata-se, portanto, de um universo que envolve superstições. Elas têm um papel simbólico bastante significativo na vida cotidiana das pessoas e um tipo de conhecimento que nos leva a refletir que nem tudo se pode creditar ao conhecimento do senso comum ou das ciências. Existem fatos e fenômenos que as pessoas gostam de atribuir como sendo de origem inexplicável, transcendente, mas passíveis de serem verdadeiros e, portanto, elas acreditam na sua manifestação e no seu poder, nos casos em que houver necessidade dessa crença. Isso é o que leva às superstições. Quanto ao senso comum, Daolio (2005, p. 13) diz que o “senso comum nada mais é do que a forma como cada pessoa, disposta em uma dinâmica sociocultural, lida com as manifestações do mundo e procura sentido para nele se orientar”. O autor esclarece que esse senso comum provém diretamente da experiência de vida

que nós, seres humanos, possuímos. São fatos que ocorreram e vêm dando certo, e que não necessitam de comprovação.

Já Geertz (apud DAOLIO, 2005. 14), considera o senso comum um sistema cultural que de alguma forma está presente em todas as sociedades e afirma:

A religião baseia seus argumentos na revelação, a ciência na metodologia, a ideologia na paixão moral, os argumentos do senso comum, porém, não se baseiam em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. O mundo é sua autoridade.

Ao analisar o pensamento do senso comum do futebol de nosso país, constituído como uma das principais manifestações culturais da sociedade brasileira, Daolio (2005, p. 18) afirma que:

Essa análise do pensamento de senso comum é importante, pois permite a compreensão do funcionamento dessa tradição sem preconceitos e cientificismo que neguem as formas de expressão da cultura popular, de onde se derivam então, também, as superstições.

De acordo com o autor, é uma análise dessa natureza (a partir do senso comum) que verdadeiramente poderá explicar o acontecimento dos comportamentos supersticiosos, especialmente no futebol brasileiro, e que podem ser percebidos desde o surgimento desse esporte nos campos de todo o país. Ela continua persistindo e crescendo, apesar da enorme evolução científica das ciências do esporte ultimamente.

Por conviver nesse ambiente esportivo, com seu ápice em competições, acabou por me chamar à atenção que tanto os atletas quanto as demais pessoas que participam mais diretamente desse ambiente – aqui poderia destacar o treinador, o massagista, passando pela comissão técnica, os dirigentes, os jornalistas, até os torcedores – buscavam (e buscam) apegar-se

a um santo, a um amuleto, a uma reza, enfim, a alguma “força oculta” ou transcendente. Esse apego tinha como finalidade conseguir a vitória, um resultado mais expressivo ou até mesmo servia para fortalecer a crença de que o atleta não se lesionasse ou sofresse qualquer dano durante o evento esportivo. O mesmo ocorre com atletas muito cientes do trabalho realizado para chegar ao seu nível esportivo mais elevado e saber que isso exigiu um alto grau de cientificidade. É uma forma de tentar controlar o acaso e de se proteger. Para muitos jogadores, no futebol, a superstição, a fé, o ritual e a crença são os maiores aliados para que eles possam desenvolver o melhor do seu trabalho, buscando, muitas vezes, explicações sobrenaturais para situações que eles não conseguem compreender. Como explicar, por exemplo, uma derrota para um time tecnicamente inferior ou como entender um pênalti desperdiçado pelo melhor jogador da equipe no último minuto de jogo? Visto que o futebol é um esporte imprevisível, ele incentiva explicações de senso comum, em termos de sorte ou azar, desígnio divino, destino, milagre, processo que se mantém a partir do mecanismo da crença e que se perpetua devido à eficácia simbólica.

Para Mauss (1974), por um lado, a eficácia simbólica é a crença de um ato mágico. Por outro, o medo da morte, do fracasso e da inferioridade é o que leva à superstição, à magia e à crença.

Eu mesmo – quando atleta – tinha algumas superstições, tais como solicitar uma camiseta que contivesse um número ímpar ou correr com o mesmo calção em todas as competições. Na condição de preparador físico, eu costumava tomar banho e fazer a barba três horas antes de o jogo iniciar. Na maioria das vezes, surgiam vitórias de forma surpreendente, mas, independente delas, o que se tornava importante era a confiança, a

tranqüilidade que eu sentia. Percebi que esse apego pode dar-se desde o uso de vestimentas até a prática de alguns rituais em momentos que antecedem o início da competição. Provavelmente essas histórias começaram quando eu atingi a minha primeira vitória e continuaram a existir no transcorrer da minha vida esportiva, pois, às vezes, em situações idênticas, outras vitórias realmente confirmavam-se. Segundo Mauss (1974), o que dá força ao ato mágico é justamente a crença em sua eficácia, crença esta que não é individual, mas de toda uma coletividade.

Em geral, também os números exercem influências supersticiosas. Os japoneses e os chineses acreditam que o número 4 é agouroso no seu dia-a-dia, superstição semelhante à que os ocidentais creditam ao número 13. O que se observa em muitas situações é que as pessoas já internalizaram como naturais e pertencentes ao seu cotidiano atitudes e comportamentos que nem sequer julgam ou percebem que possam ser práticas supersticiosas. Quem nunca colocou uma vassoura atrás da porta de entrada? Quem não tem medo de passar por debaixo de uma escada? Quem não teme ver um gato preto cruzar a sua frente? Quem não quer ter um trevo de quatro folhas em sua carteira? Poderia descrever outras tantas, embora, como é sabido, esses comportamentos contrariam muitos estudos ditos científicos. Porém, por maior que seja o avanço das ciências – tecnológicas, informatizadas, entre outras –, as pessoas continuam difundindo as “histórias” acima mencionadas e certamente continuam acreditando e realizando cada vez mais essas e outras práticas supersticiosas. Assim, pode-se perceber que a superstição é universal; ela existe em todas as sociedades e abrange todas as camadas sociais. Afinal, de onde vem essa inclinação para acreditar nas superstições e praticar rituais, atitudes e comportamentos derivados de crenças?

Se no cotidiano o ser humano convive com tais práticas, é no mundo esportivo que encontramos essas mesmas superstições com mais clareza e ênfase, as quais se impõem sobre a assim chamada “objetividade do homem moderno” e desafiam a racionalidade, pois precisamos reconhecer que a complexidade da vida humana é muito maior do que se pode entender. Nós, seres humanos, nascemos sob uma condição de desamparo quase que total e passamos a nossa vida criando mecanismos que nos livram dessa condição. Malinowski (1984, p. 40) afirma que “as fases fisiológicas da vida humana e, acima de tudo, as suas crises, como a concepção, a gravidez, o casamento e a morte, constituem o núcleo de inúmeros ritos e crenças”. Para o autor,

na altura do nascimento, antes e posteriormente, existem vários ritos de mágicos a fim de se evitarem perigos e desfazerem feitiços, cerimônias de purificação [...]; o próprio começo da vida humana se encontra rodeado por uma complicada teia de crenças e ritos (MALINOWSKI, 1984, p. 40).

Libânio (2004), em seu livro *Fé*, diz que nascemos incompletos, já que, ao nos compararmos com os animais, percebemos a enorme diferença. Eles conseguem com horas e dias libertar-se dos vínculos de seus progenitores. Entretanto, o recém-nascido humano permanece numa dependência total de vida e morte em relação aos pais e aos que cuidam dele. Sem o apoio destes, a vida não vinga. Pode ser por isso que Jahoda (1978, p. 166) afirma em seu livro *A Psicologia da Superstição* que “em situações de grande perigo ou aflição, em geral de excessiva incerteza, há grande probabilidade de a superstição entrar em cena”. O autor considera ainda que essas práticas de superstições e/ou credices de fé, de ritos, de fervor, de orações, de “forças ocultas” trazem não apenas ao atleta, mas também aos dirigentes, aos técnicos, aos roupeiros, aos massagistas, aos preparadores físicos e aos

torcedores se não os resultados esperados, pelo menos mais tranquilidade e confiança. Essas energias em torno de tais práticas na maioria das vezes são transferidas ou captadas pelo próprio torcedor ou espectador. A superstição é utilizada nos momentos em que se tem de enfrentar, pela necessidade do sucesso, dificuldades não usuais, situações fora do trivial, principalmente quando o inexplicável teima em acontecer e o imprevisto pode sobreviver. É quando o ser humano não dispõe de outra solução viável e usa a superstição, a magia ou o ritual como forma de concretizar o extraordinário. Jahoda (1978, p. 14), vai dizer que:

Os homens não seriam jamais supersticiosos se pudessem dirigir as suas atividades por um conjunto de regras, ou se fossem sempre favorecidos pela sorte: mas sendo freqüentemente conduzidos a desfiladeiros onde as regras são inúteis e estando quase sempre hesitantes lastimavelmente entre a esperança e o temor, pela incerteza dos favores da sorte avidamente cobiçados, são, em conseqüência, na maioria, muito propensos à credulidade.

Eis aí outro mistério a ser desvendado, um desafio a ser estudado, a ser pesquisado.

Conklin (apud LEHERPEUX, 1990) desenvolveu uma pesquisa com 557 pessoas, na faixa etária entre 16 e 25 anos, solicitando-lhes que citassem as suas superstições, fossem elas atuais ou passadas. O que o autor constatou foi que entre os homens a crença de preferência recaiu ao mundo do trabalho e ao esporte, enquanto para as mulheres a crença dizia respeito ao lado doméstico ou sentimental.

Na minha vida atlética vi muitas práticas supersticiosas não só de natureza individual como também coletiva ou, ainda, superstições socialmente transmitidas. Para Leherpeux (1990, p. 95), algumas superstições são pessoais. O autor diz que:

O indivíduo tem seus próprios locais, datas, objetos ou dias de sorte ou de azar e não os conta a ninguém, enquanto que outras têm um apoio social maior. Transmitidas pela tradição, elas têm significado compartilhado e podem dar lugar a formas de práticas institucionalizadas.

Segundo Mauss (apud DAOLIO, 2005), um grupo de pessoas coloca sobre um ato um conjunto de símbolos que vão, ao longo do tempo, tornando-se tradicionais porque são eficazes. Assim, Daolio (2005) afirma que um ato pode não ser sempre eficiente, mas poderá ser dotado de alta eficácia simbólica.

Nesse sentido, eram comum – exemplificando situações por mim vividas – os atletas que eram futebolistas profissionais solicitarem que todos saíssem do local em que se encontravam concentrados, antes da entrada ao campo, para permanecerem a sós. O que acontecia, o que diziam, o que faziam, ninguém sabia. Outra prática entre eles era a de rezarem abraçados, porém, sempre nas mesmas posições: no círculo e com os pés encostados aos dos seus companheiros e com duas bolas de futebol dispostas no centro.

Apesar das experiências e de algumas leituras básicas, entendo que esse fenômeno “superstição” é pouco estudado no âmbito da educação física<sup>1</sup>, do esporte, da dança, entre outras práticas da cultura de movimento. Afinal, o que é superstição? Como eu a entendo? Como ela é entendida por alguns estudiosos? Arrisco a iniciar com o meu entendimento que ela é uma “crença” em algo que vai além do tocável, do visível, do religioso. Ela é, portanto, um sentir que se torna profundo, intenso, como se houvesse uma força interior que se une a uma força exterior; uma “aura” que cerca a pessoa.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, no levantamento que fiz nos anais do CBCE, nos anos de 1997, 1999 e 2001, não encontrei estudos que fizessem referências ao tema “superstição”.

Kloetzel (1990, p. 8-9), que escreveu o livro *O que é superstição*, diz que ela “não existe ao acaso”, pois tudo tem uma explicação, uma causa. Assim, segundo o autor, “nem a sorte nem o azar se devem a acidentes fortuitos”. Ele dá continuidade ao seu pensamento ressaltando que uma das peculiaridades das superstições “é a crença no poder dos desejos, na onipotência da vontade. É o chamado ‘pensamento mágico’”. O autor diz que, para o supersticioso, não existe “talvez”, “às vezes”.

Leherpeux (1990, p. 92) fala que a superstição é um meio que o ser humano tem para reduzir a angústia, a impotência, à incerteza, pois, “ao dar ao homem a ilusão de controlar os acontecimentos importantes de sua vida, ela lhe permitiria adaptar-se a seu meio físico e social”.

Muitas outras questões fazem pensar sobre esse tema: Como a superstição surge na vida do atleta? Por que surge? Qual é a sua relação com a performance e com a técnica? Há benefícios provenientes dela? Ela é transcendente? Qual a relação da superstição com a religião ou com a ciência? Existe também uma relação da superstição com os aspectos econômicos, sociais e culturais? O ritual esportivo, ou seja, os acontecimentos na sua totalidade em um determinado evento esportivo, não é, em si, já uma forma supersticiosa? Acredito que tantas outras questões certamente surgirão no desenvolvimento deste estudo, mas, nem por isso todas terão respostas. O objetivo principal é abrir o debate e partir para a pesquisa de um assunto que pertence à vida do desportista, e talvez se possa dizer, tanto quanto a ciência, que começa a interferir cada vez mais de forma decisiva em todos os momentos da vida de um atleta.

Como é sabido, o futebol é, possivelmente, o esporte que apresenta uma maior riqueza de situações supersticiosas, sendo uma prática que

acompanha a história. Dessa forma, trago alguns exemplos que ilustram a superstição no futebol tanto no Brasil como no mundo, procurando realizar uma classificação por categorias, já que é na abordagem dessas manifestações empíricas que pretendo concentrar este estudo. No Brasil essas manifestações supersticiosas estão presentes desde os primórdios do nosso futebol. Levine (1982) nos diz que a macumba está presente no futebol brasileiro desde a década de 1930. Daolio (2005, p. 12) afirma que a superstição.

é um fenômeno impregnado no povo brasileiro e esta explicação da superstição no futebol se dá porque é nesta modalidade esportiva que a expectativa de resultados se apresenta como das mais imprevisíveis, tornando possível, por exemplo, um time inferior tecnicamente superar outro de qualidade superior.

O autor expõe algumas situações ou características que colocam o futebol em evidência como um esporte de resultados tão imprevisíveis. Para ele, “as extensas dimensões do campo levam a placares finais reduzidos, uma vez que a consecução do ponto é das mais difíceis”, e continua, “esse jogo com os pés leva a muitos erros de passe e de finalização que acabam por reforçar o caráter supersticioso, pois, além de técnica, é necessária uma boa dose de sorte para se chegar ao gol adversário” (DAOLIO, 2005, p. 12).

Outra situação levantada ainda por Daolio (2005) é sobre a arbitragem. O árbitro possui poderes decisórios para interpretar as jogadas e a regra, e nessa interpretação ele poderá ter visto ou não o lance decisivo que favorecerá ou prejudicará determinadas equipes.

Segundo o autor, não devemos concluir com esses exemplos que o futebol cria ou ativa o pensamento supersticioso, mas ele manifesta uma determinada visão de mundo, “visão esta que busca explicações para fenômenos aparentemente inexplicáveis” (DAOLIO, 2005, p. 13). O autor cita o

texto de Anatol Rosenfeld, que também descreve as práticas supersticiosas no futebol:

Quando se considera a imensa carga de sentimento que se irradia da torcida para os times, entende-se que eles busquem abrigo em esferas sobrenaturais, para se certificarem de estimulação benévola, num lugar onde tanta coisa depende do “acaso” ou da “sorte” (forças manifestamente míticas) para que “caiba” ao adversário o desfavor de forças demoníacas (ROSENFELD apud DAOLIO, 2005, p. 193).

Para Pierucci (2001), o atleta só recorre ao pensamento mágico ou supersticioso de forma mais veemente quando já não tem mais forças para chegar aonde desejaria.

Como atleta, busco nas minhas próprias vivências esportivo-futebolísticas os meus primeiros exemplos<sup>2</sup> de superstição no esporte e que me permitiram ter as seguintes percepções: entrar com o pé direito (ou esquerdo) no campo; ver o jogador benzer-se quatro vezes antes de iniciar a partida; jogar sempre com o mesmo número de camisa; ver o goleiro bater três vezes na trave com as chuteiras antes do início do jogo; dar três tapinhas no travessão antes de iniciar o jogo; não sair do campo por trás da trave, e sim pelas laterais; ver o time iniciar o jogo no mesmo lado do campo (escolhido como predileto); usar o mesmo uniforme; observar o treinador usar a mesma roupa, etc.

Um segundo grupo de exemplos pode ser retirado da Copa do Mundo de 2002, mais especificamente no que se refere ao técnico da seleção brasileira naquela época, Luis Felipe Scolari. Ele solicitou que o desembarque do Brasil na Coréia do Sul se desse no dia 26 de maio, que é o dia de Nossa Senhora de Caravaggio, santa da qual o técnico é devoto fervoroso. O mesmo técnico também escolheu os números das camisas de alguns jogadores, como os

números 17 para Denílson e 7 para Emerson, pois acreditava que esses eram números de sorte. Emerson não jogou, pois foi cortado da Seleção, porém o Brasil foi pentacampeão jogando 7 partidas, das quais Denílson era o talismã, ou seja, era sempre o primeiro substituto.

Em outros exemplos podemos perceber que o jogador Ronaldinho “O Fenômeno” só entra em campo com o pé direito; o jogador Jardel, do Goiás, é sempre o último a entrar em campo; já o jogador Figo, de Portugal, só joga com a camisa 7.

Com essas múltiplas formas de manifestações supersticiosas no futebol interessa, inicialmente, investigar o seguinte problema: por que ainda ocorrem tantas manifestações supersticiosas no esporte, em especial no futebol, se a ciência, tão presente no esporte de alto rendimento atualmente, desde os primórdios do Iluminismo no século XVII, já prometia acabar com a superstição, a crença e o mito entre os povos?

Elegi o futebol tendo em vista que ele consegue reunir uma diversidade de elementos, tais como classes sociais, raça, etnia, religião, gênero e diferentes agrupamentos, que vão desde os grupos de formação da chamada “categoria de base” até o profissional. Tenho como hipótese que a superstição independe desses fatores, pois é mesmo inerente ao ser humano, mas se manifesta com mais intensidade e de forma mais explícita na vida esportiva, principalmente nas competições, tendo no futebol as suas mais fantásticas histórias. Este comportamento e atitudes se padronizam e se repetem de vitória a vitória, pois deram sorte. Nesse esporte, o comportamento supersticioso não é exclusividade apenas de atletas, mas está presente no dia-a-dia de todo o

---

<sup>2</sup> Por exemplo, no levantamento que fiz nos anais do CBCE, nos anos de 1997, 1999 e 2001, não encontrei estudos que fizessem referências ao tema “superstição”.

peçoal que integra a totalidade de um clube esportivo dando-lhes tranqüilidade e confiança. Daolio (2005) entende que a superstição é inerente à tradição do futebol e sempre fez parte da história desse esporte até os dias de hoje, mesmo com todo o desenvolvimento científico da atualidade. Para DaMatta (1987, p. 120), “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Assim, a partir do conhecimento e da vivência de condutas supersticiosas no esporte, pretendo limitar o recorte desta pesquisa apenas no âmbito do futebol, com os objetivos relacionados a seguir.

## **1.2 Objetivo geral**

Identificar algumas das diferentes manifestações supersticiosas no futebol classificá-las e analisar justificativas dos envolvidos para essa conduta, quando houver, e identificar, também, alguns momentos no futebol em que essa prática realmente possa ter se tornado uma influência positiva ou negativa para o atleta, a equipe, os técnicos e os demais envolvidos, para que seja admitida ainda hoje, neste contexto esportivo, apesar dos avanços da ciência e da tecnologia para o interior dessa prática.

### 1.3 Objetivos específicos

- 1) Recolher exemplos de conduta supersticiosa no esporte, em especial no futebol brasileiro, e classificá-los em categorias a partir de determinados referenciais para uma posterior melhor análise.
- 2) Examinar a literatura, especialmente esportiva, sobre o assunto “superstição no esporte”.
- 3) Buscar em outras fontes teóricas explicações e entendimentos sobre a superstição no mundo atual, apesar do grande avanço científico e tecnológico que tenciona desencantar o mundo do mito e da superstição.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter interdisciplinar, com grande inserção teórica, complementada com relatos empírico-práticos de acontecimentos verificados e descritos por profissionais do futebol, ou seja, sem que o pesquisador fosse a campo para o levantamento desses dados, conforme já apresentado nos objetivos específicos.

Tratando-se de uma investigação para o desenvolvimento de pressupostos teóricos, com base em exemplos concretos da realidade esportiva, a pesquisa deve ser classificada como uma pesquisa teórica, como na caracterização de Pedro Demo (2001, p. 23), para quem esse tipo de pesquisa constitui-se de:

- a) conhecer a fundo quadros de referência alternativos, clássicos e modernos, ou os teóricos relevantes;

- b) atualizar-se na polêmica, sem modismos, para abastecer-se e desinstalar-se;
- c) elaborar precisão conceitual, atribuindo significado estrito aos termos básicos de cada teoria;
- d) aceitar o desafio criativo de prepor a realidade à fixação teórica, para que a prática não se reduza à "prática teórica", e para que a teoria se mantenha em seu devido lugar, como instrumentação interpretativa e condição de criatividade,
- e) investigar na consciência crítica, que se alimenta de alternativas explicativas, do vaivém entre teoria e prática, dos limites de cada teoria.

Partindo-se da premissa de que a realidade humana é sempre mais rica e complexa do que as explicações que dela se pode fazer, exemplarmente mostrado pelo próprio tema desta pesquisa, optei por uma trajetória metodológica de caráter qualitativo. A relação entre os fatos supersticiosos, as condutas de crença e mito no esporte são co-relacionadas com uma postura teórica que podemos identificar de intensidade, conforme aponta Demo (2001), que diz que a intensidade é própria dos temas complexos e não está livre de ambigüidades. Fenômenos que se distinguem pela intensidade não se esgotam em extensão; voltam-se para dimensões marcadas pelo envolvimento e pela participação, de acordo com o autor. Assim, a análise qualitativa que procuro realizar relaciona-se a uma "interpretação ostensiva", ou seja, uma interpretação de fatos que vão além dos dados empíricos, mas de um "conhecer a partir do que já se conhece, aprender do que já se aprendeu, refazer contextos interpretativos similares, e assim por diante" (DEMO, 2001, p. 67). Nesse contexto relaciona-se, também, o sentido pedagógico desta pesquisa, que é servir de momento reflexivo para condutas significativas que ocorrem no esporte e que não têm sido tratadas devidamente no âmbito do rendimento esportivo e muito menos para uma finalidade pedagógica.

Por fim, destaco ainda o significado crítico da pesquisa qualitativa, pois, conforme Demo (2001, p. 30),

A informação qualitativa é o resultado da comunicação discutida, na qual o sujeito pode questionar o que se diz, e o sujeito objeto também. Ela não busca ser neutra ou objetiva, mas permeável à argumentação consensual crítica, dentro de um meio-termo sempre difícil de exarar: num extremo estará o questionamento de tudo, sem que nada fique de pé; no outro, a crença fácil em tudo sem atinar para o implícito e o contraditório.

A pesquisa qualitativa visa sempre uma maior abrangência dos fenômenos estudados, buscando uma compreensão multidimensional. No caso desta pesquisa, por ser essencialmente de caráter teórico, buscou-se melhor compreensão e explicação para os tantos casos ocorridos e que ainda ocorrem nas disputas esportivas, no tema em questão, a conduta supersticiosa no futebol.

Por fim, em virtude da falta de referências em pesquisas semelhantes no âmbito do esporte, a presente pesquisa não conseguiu passar muito da apresentação do problema e do apontamento para possibilidades interpretativas em contextos teóricos maiores, como no caso de uma sociologia das representações sociais ou uma antropologia das religiões. No contexto de pesquisa abordado, não foi possível realizar esse intento, ficando para uma próxima oportunidade.

## **CAPÍTULO II**

### **2 SUPERSTIÇÃO E ESPORTE**

#### **2.1 Uma breve revisão teórica**

Não foi possível aprofundar estudos nos pressupostos teóricos da sociologia e antropologia cultural, especialmente no tocante às origens e à justificativa da conduta supersticiosa no esporte, em particular no futebol. Entretanto, no intuito de propiciar um maior entendimento do estudo e da investigação, o objetivo deste capítulo é apresentar, ainda que em forma de revisão teórica, uma fundamentação mais detalhada considerando as variáveis envolvidas no problema, ou seja, a superstição no esporte em suas diversas dimensões.

Se os ritos estão nas seitas, nos movimentos e nas igrejas tanto quanto estão no cotidiano da vida social, eles estão também, portanto, no mundo esportivo. Partindo desse princípio, Rivière (1996, p. 217) cita que muitos autores, entre eles Roberto DaMatta e Eduardo Archetti, formularam a hipótese segundo a qual “o futebol é um ritual, uma construção cultural que torna possível a comunicação simbólica entre participantes e conecta em uma ampla representação o sentido e os valores mobilizados pelos atores”. O mesmo autor considera que esse ritual conduz, em intervalos regulares e horas fixas, milhares de pessoas a se instalarem diante de seu altar doméstico, ou seja, a televisão, para assistir e, no pleno sentido do termo, participar intensamente da celebração de um mesmo ritual, como se estivessem numa igreja participando da missa. A multidão dos fiéis segue com fé a transmissão: levanta-se, faz

comentários, grita ou volta a sentar-se ao ritmo de uma liturgia desconhecida que nada tem de metafórico. No estádio, a reunião de milhares de indivíduos que vivem o mesmo sentimento e que o exprimem pelo ritmo e canto parece criar as condições de uma transcendência do psiquismo individual, de uma percepção sensível do sagrado.

Para DaMatta (1982), o futebol é o centro de uma dramaturgia popular como máquina de comunicação e socialização. Esse esporte fornece um ritual de compreensão diante dos múltiplos problemas da vida cotidiana. As apreciações sobre o futebol são consideradas como discussões sérias: fala-se de dinheiro, mulheres e política, mas se discute sobre futebol. De acordo com Daolio (2005, p. 25), analisar o fenômeno da superstição no futebol implica, primeiramente, em compreender esse esporte como expressão da sociedade, sendo possível a discussão acerca da superstição no futebol “se o olharmos como fenômeno sociocultural que expressa e reflete a própria condição do ser humano”.

É ainda DaMatta (1982, p. 16) que caracteriza o futebol brasileiro como algo essencialmente supersticioso:

Jogado com os pés, o futebol fica menos previsível, o que faz com que nele se insinuem as idéias de sorte, destino, predestinação e vitória. Com isso, pode-se imediatamente ligar futebol com religião e transcendência no caso brasileiro, algo muito mais raro de ocorrer quando se trata de modalidades esportivas como o voleibol, a natação e o atletismo. [...] Além disso, o uso do pé, diferentemente do uso das mãos, obriga a inclusão de todo o corpo, salientando sobretudo as pernas, os quadris e a cintura, essas partes da anatomia humana que no caso da sociedade brasileira, são alvo de um elaborado simbolismo.

Rivière (1996), quando se refere a Desmond Morris (1981, p. 14), diz que este encara a partida de futebol como caça ritual, droga coletiva e

representação teatral dada por uma tribo. Sempre que assistimos a uma partida, enfrentamos o conjunto de seus aspectos tribais. Técnicos preocupados gritando conselhos táticos em vista da caça ao gol; jogadores triunfantes, pulando para se abraçarem após um ataque vitorioso contra o inimigo; cântico do coro dos torcedores na chegada do seu ídolo à terra sagrada do estádio; jovens torcedores vestidos de forma sumária, aglomerados nas arquibancadas e prontos para perderem a voz na aclamação das estrelas do futebol que eles (nunca) virão a ser. Tal é a tribo do futebol em toda a sua glória curiosamente isolada e, no entanto, intensamente pública.

O futebol é um ritual público, um espetáculo aberto, instalado em um espaço dominado pela ilusão e liminaridade. Em sua teoria sobre os rituais, Turner (1974) levou-nos a compreender os aspectos simbólicos e estéticos de qualquer jogo social, desde que seja possível, em uma manifestação ritual, proteger o carisma das origens comuns (o mundo do homem oposto ao mundo da mulher, o mundo da identidade local, bairro ou cor da camiseta oposto ao mundo da identidade abstrata) no espaço banalizado pela força da estrutura social. Portanto, a oposição é estabelecida entre ritual–liminaridade e estrutura social–ordem. A liminaridade do futebol engendra e reproduz esse sentimento de “comunidade”, que parece estar perdido na vida cotidiana e no mundo das identidades individuais. Daolio (2005, p. 5) nos diz que:

Graças aos rituais, a sociedade faz uma representação de si para si mesma, fazendo com que o futebol sirva como uma espécie de linguagem ritual por meio da qual a questão profunda da sociedade seria expressa com o orgulho, o luto e a euforia.

O jogo de futebol tem como virtudes remanejar a relação centro–periferia das regras autoritárias e restaurar um sentido de igualdade. Nesse mundo de

participação, no qual houve a pretensão de se fazer à distinção entre jogadores periféricos e jogadores que ocupam posições centrais, a distância entre eles não pode ser abolida de maneira absoluta e constitui, sem dúvida, uma das tensões que subsistem no futebol como ritual. O aspecto de espetáculo e dramaturgia realizado não faz rito, embora contribua para sua solenidade e suas funções de expressão e integração. Para Campbell (1949, p. 234), o rito não é religioso por falta de configurações míticas ou habilidade dos ídolos, não faz referência à transcendência, ao além ou à salvação Também utiliza um vocabulário analógico bastante significativo. De acordo com Rivière (1996, p. 221), são ingredientes do encontro esportivo:

Fiéis que exprimem sua efervescência emocional segundo uma rigorosa codificação gestual e vocal; confrarias que reagrupam os mais fervorosos torcedores; oficiantes encarregados da execução do sacrifício com os quais os fiéis estão em comunhão; uma organização, ou seja, o clube rigorosamente hierarquizado à imagem dos aparelhos eclesiásticos; leis válidas para todos supervisionadas com rigor pelo International Board; um lugar consagrado ao culto, ou seja, ao estádio, e em seu centro, o gramado, inviolável a não ser pelos oficiantes; um calendário litúrgico regular que culmina em certas fases do ciclo anual; uma teatralização das relações sociais no recinto do estádio, com presença obrigatória no momento de grandes celebrações dos detentores do poder na sociedade, e expectativa do sacrifício que, a partir de um modo mimético, consagra vitória dos bons sobre os malvados, do bem sobre o mal, de nós sobre os outros.

Sem dúvida alguma o futebol constitui-se numa das principais manifestações culturais não só no Brasil, mas em vários países que têm nesse esporte o número 1 das práticas esportivas, sendo constantemente modernizada por seus atores.

Para Daolio (2005, p. 6), “o futebol brasileiro traz em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, credices, etc.”.

Enfim, fica evidente que o esporte, e em especial o futebol brasileiro, é fortemente influenciado por práticas “sobrenaturais” ou supersticiosas. É necessário, portanto, conhecê-las melhor e tentar uma classificação para selecionar as que pertencem a um determinado tipo de crença ou de superstição, e as que são de outros tipos, tal como a religião, que também é uma espécie de superstição.

## **2.2 Superstição: uma possibilidade de conceituação**

A partir do que já se expôs até aqui, tanto do ponto de vista de alguns autores sobre o assunto *superstição* quanto por alguns exemplos apresentados, ainda não foi possível chegar a um entendimento conceitual sobre esse tema, portanto, passo neste capítulo a me ocupar com tal possibilidade.

Já vimos que as superstições estão presentes na vida do ser humano desde os primórdios da civilização, apesar de não sabermos ao certo a origem exata de como elas começaram a ter influência na vida humana (SILVA, 2005).

E, mesmo com os avanços tecnológico, científico e cultural, ela continua presente. Estamos vivendo o começo de um novo século. Um tempo em que a informação de fatos e coisas do mundo inteiro além de chegar a nós numa velocidade espantosa também chega em um volume quase impossível de ser assimilado. Porém, rituais e cerimônias muito antigas sobrevivem a tudo isso, o que nos leva também à superstição, que a era da informação não eliminou, talvez, ao contrário, aumentou e tornou complexa.

Daolio (2005, p. 8) afirma que “a ciência é uma construção recente da humanidade e, além disso, não é capaz de explicar todas as reações e comportamentos humanos”.

As superstições, por exemplo, fazem parte da própria essência intelectual humana, e não há momento da história do mundo sem a sua inevitável presença. Elas estão enraizadas nos processos mentais e inconscientes do homem, e estão prontas para vir à superfície em determinadas circunstâncias. Apesar de diferentes interpretações, Sigmund Freud e Carl Jung (apud CAMPBELL, 1992, p. 9) afirmam que a superstição não é algo do passado, ou nem de pessoas pouco instruídas, mas é de fato parte integrante da constituição mental de todos.

Malinowski (1984) nos diz que o recurso à magia ou à superstição é inerente ao ser humano diante de uma empreitada que ultrapassa seu conhecimento e seu poder de controle. A elevação dos padrões de vida, o domínio da máquina, a sociedade industrial, o medo das coisas, a corrida desenfreada em busca da perfeição fazem parte dela, velhas, renovadas e readaptadas às necessidades modernas e técnicas.

Mais adiante podemos ver que o tema da superstição confunde-se muitas vezes com magia, mito e até mesmo religião. Para o Dicionário Aurélio (1986, p. 76), é algo muito simples:

Superstição – 1. Sentimento religioso baseado no temor ou na ignorância, e que induz ao conhecimento de falsos deveres, ao receio de credence. 2. Crença em presságios tirados de fatos puramente fortuitos, ou 3. Apego exagerado e/ou infundado a qualquer coisa.

Talvez seja por isso que ninguém aceita ser supersticioso ou admita ter alguma conduta supersticiosa, apesar de envolver-se em muitas situações em que se poderia constatar algum tipo de superstição.

As superstições de natureza individual ou coletiva podem aparecer por meio de (1) pensamentos, (2) palavras e (3) atos: (1) por pensamento – fazer três pedidos quando se vê uma estrela cadente; (2) por palavras – dizer: *isola!* quando alguém se referir a um malefício acontecido à outra pessoa. Para Pierucci (2001, p. 87-88), o ato da palavra dá-se “graças à emissão correta e no momento correto de um signo lingüístico que é quase puro significante”, é a “fórmula mágica em tempo de interjeição”. Insubstituíveis por sinônimos, as fórmulas mágicas têm sempre algo de extravagante em sua materialidade, um quê ininteligível. Não pretendem significar, elas agem; (3) por atos – levantar da cama com o pé direito para que o dia lhe seja de grandes benefícios. Para Pierucci (2001, p. 13), o ato supersticioso “está presente no sentimento verdadeiramente mágico de que, uma vez executados certos gestos simbólicos, as coisas ficam carregadas de uma força que obedece aos desejos do ser humano”.

Para Schmid (1988), a origem das superstições parece residir no desconhecido, na crença, no fantástico, na busca ansiosa pelo mágico e pelo divino, no sobrenatural, no temor, no medo, na relação com o aspecto mitológico de uma civilização. Muitas superstições são exteriorizações de ansiedades íntimas, cuja natureza ainda não foi totalmente explorada. Para Leherpeux (1990, p. 92),

A superstição se revela, assim, um meio de reduzir a angústia resultante de um sentimento de impotência ou de um estado de incerteza: ao dar ao homem a ilusão de controlar os acontecimentos

importantes de sua vida, ela permitiria adaptar-se a seu meio físico e social.

A superstição percorre povos, atraindo atenção de quase todos, criando uma atmosfera de associação com o seu mundo. Para muitos, representa o medo de ser vitimado por uma onda de mau presságio ou azar; para outros, é uma defesa contra tais fatalidades e ameaças do invisível, do além, sendo esses os principais responsáveis pelas divulgações em massa de tal natureza e que dão origem a uma carga simbólica (CAMPBELL, 2003).

### **2.2.1 Magia, mito, religião e misticismo.**

Para Schmid (1988), existem três vertentes responsáveis pela origem das superstições: (1) a religião, (2) a lenda ou mito e (3) o aspecto cultural de um povo. As religiões provocaram durante a Idade Média uma explosão de credences, as quais se manifestavam a partir do temor das bruxas, do demônio, do caos, proibindo também a imaginação quanto a objetos, animais e lugares, em que o pensamento mágico era inadmissível. Como exemplo de superstições podemos mencionar o gato preto, as moedas colocadas nos olhos do morto e a ferradura.

Já a superstição da lendária forma mítica, cuja origem surge no *homo sapiens*, pronuncia-se através das religiões que adoram muitos deuses (superstições quanto a animais e fenômenos da natureza). Por exemplo, se uma família tiver treze filhos, todos homens, o último será lobisomem, saindo de casa todas as sextas-feiras à meia-noite.

E, por último, há as superstições de cunho cultural, apresentadas a partir da falta de informações, surgindo assim às simpatias, as fórmulas mágicas de

proteção e conquista pessoal. Como exemplos podemos citar as seguintes: o noivo não ver a noiva antes do casamento, o buquê da noiva, enxoval azul quando se quer um filho homem e enxoval cor-de-rosa quando se deseja uma filha mulher.

No seu artigo, Schmid (2000) conta que também há dois tipos de superstições: aquelas relacionadas com objetos, atos ou coisas que isolam o indivíduo do malefício e as que se situam na relação do homem com o seu meio, levando o indivíduo à vulnerabilidade em relação ao objeto que pode afetá-lo negativamente.

No primeiro exemplo, encontramos aqueles que transferem todo o seu poder a um dado objeto que possui qualidades especiais de proteção. Esse objeto serve como um escudo para o afastamento da infelicidade, do pé-frio, do mau-olhado, da urucubaca. Em seu livro *A Magia*, Pierucci (2001) define isso como amuleto. Já o talismã, segundo o autor, é o objeto que serve para atrair sorte para os que crêem. Entre os talismãs estão as ferraduras, o trevo de quatro folhas, o pé de coelho, os galhos de arruda, a figa, o ato de cruzar os dedos, bater na madeira três vezes, levar moedas no bolso, beijar determinados santos antes de realizar um ato que necessite de força e de energia positiva.

Para Duarte (1995, p. 368), o amuleto é um objeto que oferece proteção mágica, sendo usado para afastar as más influências. Desde dentes de animais até pedras preciosas podem ser amuletos. Já o talismã, além de proteger, tem um poder mágico que favorece a realização de inúmeros desejos.

O segundo exemplo, ou seja, a relação do homem com o seu meio, é identificado por aqueles que evitam determinados objetos e atitudes: o gato

preto cruzando a sua frente, passar por debaixo da escada, não deixar guarda-chuva aberto dentro de casa, evitar o número 13, não derrubar sal, não quebrar espelho. Essas ações são consideradas ainda como legítima defesa do ser humano, estendendo-se às zonas mais íntimas do raciocínio do homem e agindo independentemente de sua ação e de seu rumo.

Para Kloetzel (1990, p. 28), as superstições “aparecem sob dois aspectos: o individual e o coletivo”. Jahoda (1978) entende como superstição individual à crença, que é a prática adotada por sua conta e para uso próprio, sem o conhecimento dos outros. Segundo esse último autor, a crença responde à nossa necessidade de segurança. Entendo que ela torna-se de caráter defensivo para evitar um mal maior, pois a dúvida em relação ao futuro e a incerteza de novas conquistas e de novos desafios mobilizam a mente humana para a sua sobrevivência.

Retornando a Jahoda (1978, p. 25), ele diz que, quando estamos em situações de grande perigo, existe uma grande probabilidade de a superstição aparecer, pois “as pessoas costumam ter seus próprios dias, cores, objetos e lugares de sorte ou de azar para uso privado”. O autor afirma ainda que elas têm de “executar certos atos segundo determinado ritual a fim de assegurarem êxito em seus empreendimentos ou para afastarem os perigos”. Para Leherpeux (1990), é nas profissões de risco que a superstição se manifesta de maneira mais forte.

Assim, a superstição pode alcançar qualquer pessoa, independentemente de seu estado social, racial ou cultural, desde que o indivíduo sinta uma ameaça de forças que estejam fora do seu alcance. A superstição é, portanto, universal. A essência de tudo isso é uma coisa só: é através da existência da crença nos poderes mágicos e no culto a eles que se

consegue alcançar o que se deseja. Assim, o culto oferece um abrigo seguro para o indivíduo e constrói um santuário reservado para ele. Segundo Kloetzel (1990), o poder mágico mora em todos os homens. Não é que temos o melhor país que os outros ou que o nosso time é inigualável, invencível, ou que os nossos filhos são superiores aos filhos dos outros porque a nossa própria existência é mais preciosa. Negar tudo isso seria negar a condição humana.

A idéia da superstição é ambivalente, pois existe a crença de que há sempre meios de anular a força positiva ou negativa de qualquer elemento. Se isso acontece, deve-se fazer aquilo para prevenir o mal – ou realizar tais práticas ou trazer objetos especiais –, pois o amanhã é incerto e duvidoso.

Isso acontece muito quando as pessoas encontram ou falam com outras que lhe trazem azar, fazendo com que procurem uma madeira para bater ou fazer figa com a mão. Daí o apelo a talismãs, amuletos, orações e todo um arsenal supersticioso, muito dos quais servem não só para nos defender do azar ou mau-olhado e como forma de proteção dos inimigos, dos desafetos, mas também como uma segurança no agir cotidiano.

O misticismo nasce do esforço do indivíduo para alcançar uma realidade absoluta ou divina que estaria em íntima conexão com as coisas. Envolve um conjunto de disposições afetivas, intelectuais e morais, cuja meta final é a comunhão com um ser superior. Para Campbell (2002, p. 51), “somos os criadores da nossa própria vida. Esta é fruto de tudo o que fazemos”.

A espiritualidade é um atributo que faz parte da essência do ser humano. Desde os tempos primitivos o homem percebe que existem forças que transcendem o seu domínio e passou a respeitar, a temer e a se subjugar diante das ameaças dos fenômenos da natureza, da conjunção dos astros e da incerteza ante o futuro. Nasceram, assim, as crenças, os mitos e os deuses. As

magias, os sortilégios e o misticismo organizaram-se em templos e igrejas com suas liturgias e seus sacerdotes, e as “instituições religiosas” prosperaram. Nesse clima, vários deuses disputavam o poder e a força do verdadeiro Deus.

Conquistando a razão no decurso dos milênios que a evolução lhe exigia percorrer, o homem entendia que sua experiência psíquica ultrapassava a realidade limitada pela experiência que os sentidos lhe permitiam perceber. No seu íntimo, a vida transcendia à própria morte e às lembranças dos seus antepassados, as quais pareciam lhe visitar nos sonhos ou nas recordações, e o faziam pressupor que uma vida futura deveria reunir todos. Os séculos se sucederam sem que, no entanto, o ser humano conseguisse atravessar a fronteira da morte sem temores e sobressaltos. Campbell (2002) julga isso como uma função mística que representa a descoberta e o reconhecimento da dimensão do mistério do ser.

O domínio das “crenças” varia com a cultura dos povos e inclui a convicção na existência de Deus, da alma, da vida após a morte e da realidade da dimensão espiritual para além do nosso conhecimento sensorial e intelectual. É compreender o desdobramento da vida a partir do seu nascimento – passando pelo meio de existência e terminando com a morte em harmonia, com ele, com sua cultura e com aquele “mysterium tremendus” – que transcende a ele próprio e a todas as coisas (CAMPBELL, 2002).

Com isso, é natural a relação entre a experiência mística e o conjunto de crenças de quem a experimenta, pois a linguagem dessa experiência é necessariamente simbólica; os símbolos que lhe ocorrem são predominantemente aqueles da sua crença. Campbell (2002, p. 35) afirma que “o símbolo comunica não simplesmente uma idéia do infinito, mas uma certa realização do infinito”. Pode-se, assim, falar num misticismo cristão, num

misticismo judaico, num misticismo hindu, num misticismo espírita, entre outros.

Dessa forma é possível entender que misticismo é a prática pessoal de quem teve contato direto com o coração da vida e que sabe, portanto, que uma mesma essência – o amor, a verdade, o espírito, o silêncio, o si mesmo, a consciência, Deus – faz-se presente em todas as coisas, unindo-as. Por conseguinte, todos nós somos místicos de um modo geral, pois já fomos tocados e movidos por uma epifania, atingidos pelo esplendor de um relâmpago que eleva o corpo, a mente e o coração até a alma do poder criativo do universo.

Nessa colisão com a essência, nós nos dilatamos do aqui e agora até tempos e lugares do passado e do futuro; tornamo-nos uma parte do mistério infinito da própria vida. Nesse instante, os místicos percebem que a sua vida é um dom que depende de uma força universal extremamente consciente, e com isso são inundados de lucidez, amor, sabedoria e compaixão, que são as fragrâncias com as quais o místico deve inevitavelmente conviver. Quando se vê a vida dessa maneira, a mente e o espírito tornam-se livres, inventivos e generosos; a gente se vê em todos os lugares.

Retomando o assunto do simbolismo, entendo que as religiões são sistemas de símbolos e dependem de um fundador que teve a experiência religiosa original com modalidade própria. Esses sistemas organizados em símbolos ligados à tradição contribuem para que os indivíduos concretos adotem atitude religiosa pessoal.

Campbell (2003, p. 38) nos fala sobre “o nascimento virginal, apresentado como um fato histórico e transformado num artigo de fé, referindo-se assim a uma realidade espiritual no lugar de uma realidade histórica”. Desde

a mais alta Antigüidade, a apresentação externa do símbolo vem se modificando, mas, muitas vezes, o conteúdo intrínseco continua o mesmo. Ou seja, apenas transferimos os valores que eram próprios do totemismo, do fetichismo e do animismo para a época moderna: instituímos tabus, adoramos os santos e seguimos cegamente as determinações de um líder religioso. Para Jung (apud SILVEIRA, 1997), os símbolos alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir, eles têm vida, atuam.

O papel da religião é o de explicar os conteúdos existenciais do ser humano: de onde viemos, o que estamos fazendo aqui e para aonde vamos depois da morte. Quando indagamos sobre o papel da religião, associamo-la à idéia do sentimento religioso, um dos mais complexos sentimentos que fundamentam a essência do ser humano. É um sentimento natural, como se vê claramente na Lei de Adoração. É sempre uma reverência ao Criador, ao Ser Supremo, ao Ser Sobrenatural, ao Desconhecido, etc. Ele, em si, independe da razão, da inteligência, da cultura, do estudo. É natural e por isso mesmo adquire diversas formas.

Segundo Bazarian (2002, p. 49), “a essência de toda e qualquer religião é uma só: a crença de existência de poderes mágicos e o culto dos mesmos, a fim de alcançar o que deseja”. A religião identifica-se com a fé. Para a maioria das religiões, o que importa não é *no que* acreditamos, mas *como* acreditamos. No uso popular dizemos isso quando uma pessoa acredita ou faz algo “religiosamente”. Acontece que ter a convicção ou ter fé em certas verdades não nos isenta de estarmos errados.

Como vemos, a religião é a crença em forças, poderes, deuses sobre-humanos; é o desejo de salvação. Fenomenologicamente, a religião está ligada ao sagrado: objeto, lugar, tempo, ritual, palavra.

O apego ao sobrenatural e à fé acompanha a caminhada evolutiva do ser humano até os dias atuais. Para Darwin (2003, p. 35), “a fé surgiu como consequência dos consideráveis avanços da capacidade racional do homem. Ela exerceu sua curiosidade, sua imaginação e sua facilidade em se encantar”.

Fé é a confiança da criatura em seus destinos, é o sentimento que a eleva à infinita potestade, é a certeza de estar no caminho que vai conduzir à verdade.

Antes de o ser humano ter inventado a língua para se comunicar, ele transmitia suas idéias, seus desejos e sentimentos por meio das imagens mentais que criava, os quais eram revelados por suas atitudes traduzidas em postura, gestos, gritos, etc. O ser humano tinha então, nas imagens mentais, o firme fundamento do que esperava e a prova do que não via. Assim, a existência da fé prescinde da existência de Deus, embora toda vez que se fala em fé, logo surge a idéia de religião, de divindade. Mesmo o cientista mais cético tem fé na ciência, tem fé em si mesmo, tem fé na inteligência, tem fé em princípios, na ética, nos valores, etc.

Libânio (2004) diz que a fé é um ato pelo qual nos entregamos, numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém. Ninguém adquire essa fé sem ter passado pelas tribulações da dúvida, sem ter padecido das angústias que embaraçam o caminho dos investigadores. Muitos param em esmorecida indecisão e flutuam por um longo tempo entre opostas correntezas.

Para muitos indivíduos, ter fé os habilita a superar os maiores obstáculos. É nesse sentido que dizemos que a fé transporta montanhas, pois as dificuldades que encontramos no caminho podem ser consideradas como tais, ou seja, as paixões, a ignorância, os preconceitos, as derrotas que acontecem tanto na vida pessoal como na profissional. A verdade, porém, é

que a fé é algo que vem de dentro, vem da pessoa, manifesta-se graças à sua crença pessoal. Libânio (2004) afirma que a fé é uma experiência humana fundamental que se faz entre as pessoas e que se prolonga para coisas, mistérios e religiões. Para ele, crer é a condição de existir num convívio humano e, apesar de tantos empecilhos, os humanos continuam crendo.

Geralmente, considera-se a fé somente como crença em certos dogmas religiosos, aceitos sem exame. Mas a verdadeira fé está na convicção que nos anima, nos arrebatada para os ideais elevados. Há a fé em si próprio, em uma obra material qualquer, a fé política, a fé na Pátria e a fé esportiva. A fé é um fenômeno humano em toda a sua amplitude e que praticamos a cada dia sem nos darmos conta desse ato.

A fé passa a ser a mãe dos nobres sentimentos e dos grandes feitos. O homem profundamente firme e convicto é imperturbável diante do perigo, do mesmo modo que nas tribulações ele ouve uma voz ressoar nas profundezas da sua consciência, instigando-o à luta, encorajando-o nos momentos perigosos.

Busquei, ainda em Campbell (2002), um dos maiores estudiosos no campo da mitologia, as várias formas de conotações do mito. E por que o mito? Segundo Campbell (2002, p. 199), “o mito é realmente um veículo perene para expressar a verdade”, visto que em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a fonte de inspiração de todos os demais produtos possíveis da atividade do corpo e da mente humana.

Para nós, seres humanos, sempre foram contadas histórias para lembrarmos do passado, quase todas com sentido mitológico, e também para que possamos repassar às próximas gerações as mesmas histórias.

É possível entender então que mito, religião, magia, misticismo e ritual, são originados no contexto de um sistema cultural de comunicação simbólica, pois são constituídos na grande maioria de seqüências com padrões predeterminados de palavras, gestos e atos. Campbell (2002, p. 199) afirma ainda que “mito e símbolo são propriedades fundamentais e essenciais de todas as religiões, e constituem a linguagem especial da experiência religiosa”.

Apesar de o termo “mito” ainda ser confuso para muitas pessoas, ele tem muitas funções. Uma delas é a função mística, na qual o mito faz uma conexão entre a nossa consciência e todo o mistério do universo. Segundo Campbell (2003, p. 32), “os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério, para a consciência do mistério que subjaz a todas as formas”. Essa é a sua função cosmológica, pois permite que vejamos a nós mesmos na relação com a natureza. Os mitos, tal como a ciência, também buscam explicar a origem e a natureza das coisas, conforme apontado por Campbell (2003). O mito tem também uma função sociológica que sustenta e dá validade para certa ordem social e moral para nós. Segundo o autor, é nesse momento que os mitos variam tremendamente de lugar para lugar. Por último, o mito possui uma função psicológica através da qual ele nos oferece um caminho para fazer a travessia e lidar com os vários estágios do nascimento até a morte. Os mitos provêm da imaginação criativa da qual nós todos partilhamos, e a narrativa que cada um de nós reconhece em nossa própria busca de significado espiritual forma um paralelo com todas as lendas de heróis, os quais precisam viajar para um mundo desconhecido e travar batalhas com os poderes das trevas a fim de retornarem com o dom do conhecimento.

O mito se origina das visões das pessoas que buscam seu próprio mundo mais íntimo. Eliade (1963) Os mitos revelam, pois, a sua atividade

criadora e mostram a sobrenaturalidade das suas obras. “Em suma, os mitos descrevem as diversas e freqüentemente dramáticas eclosões do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo” (p.13), continua o autor “È esta irrupção do sagrado que funda realmente o Mundo e o que faz tal como é hoje” (p.13). Tal como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação. Há dois tipos de sonhos: (1) o simples sonho pessoal, no qual o sonhador se envolve em aventuras que refletem apenas seus próprios problemas pessoais, os conflitos de sua vida; (2) o sonho da visão, no qual se transcendeu a esfera do horizonte meramente pessoal e se entrou em confronto com os mesmos grandes problemas universais que estão simbolizados em todos os grandes mitos. Como exemplo podemos citar: quando você é atingido por algo desastroso, quando você se defronta com uma calamidade, o que é que dá a você sustentação e o conduz através das adversidades? Será que você conta com alguma coisa que dá a você apoio e o leva em meio aos percalços? Ou acontece uma situação de falhar agora naquilo que você pensava ser o apoio? Para Campbell (2002), esse é o teste do mito, “o mito edificante da sua vida”.

Também através desta pesquisa foi possível analisar o herói e sua forma de agir, especialmente na forma de apegos a “forças ocultas”, visto que o herói é um homem ou uma mulher que conseguiu vencer as suas limitações pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.

Retorno aqui a falar da jornada do herói, que, segundo Campbell (1949, p. 42), “morreu como homem moderno; mas, como homem eterno – aperfeiçoado, não específico e universal – ele renasceu”. Ou seja, o herói retornou ao nosso meio, transfigurando e ensinando as lições da vida renovada que aprendeu.

Como vimos inicialmente, o objetivo dos mitos é explicar os conflitos humanos e ensinar a viver conforme as regras de uma cultura. São adaptados de tal forma às necessidades de cada povo que fazem parecer absurdas e sacrílegas as histórias de outros povos. No entanto, uma comparação honesta e isenta vai revelar que todos têm os mesmos enredos — selecionados, organizados, interpretados e ritualizados de modos diferentes.

Para Eliade(1963, p.19) “ Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas”.

### **2.3 Superstição no futebol brasileiro**

Como estamos nos posicionando desde o início deste estudo, o campo esportivo do futebol é muito fértil em práticas supersticiosas, as quais também são variadas em tipos e intensidades. “Promessas”, macumbas, despachos, benzeduras, rezas, rituais, talismãs, comportamentos e atitudes que se padronizam e se repetem a cada vitória, trazendo sorte e alcançando objetivos às vezes extremamente difíceis, tudo isso faz parte desse arsenal de recursos transcendentais que os clubes procuram seguir. E o Brasil, devido à sua mistura de raças (o índio, o negro e o europeu), é um campo fértil para as mais variadas superstições.

Para Kloetzel (1990, p. 10), “ninguém escapa de ser supersticioso nos atos, nas opiniões e nas crenças”. Pierucci (2004, p. 13) interroga que “quantos dos próprios indivíduos engajados nesses rituais mágicos crêem que eles “funcionam”, que de fato dão resultados”? Entendo que pouco importa se esse

apego à superstição e à magia venha a funcionar; o que importa é acreditar no apego, ou seja, que somos susceptíveis de atitudes supersticiosas.

No futebol, os jogadores vivem em comum com uma atividade de alto risco de insegurança e de ansiedade. E, por conviverem com essas angústias das incertezas, (também) a superstição faz-se presente. Por mais treinados que estejam não há preparação que os proteja completamente do risco de lesões, de derrotas imprevistas, de uma bola infeliz que resulta em gol do time adversário ou, ainda, de uma conquista inédita. Os jogadores sabem também que, quando estão atuando, eles o fazem sobre milhares de olhos críticos. “A ordália dos jogadores é pública; não há fuga possível, nenhum meio de ocultar um erro” (MORRIS, 1981, p. 150). O céu e o inferno estão presentes na vida do atleta, e essa dualidade faz com que a procura por auxílio adicional venha a fazer parte do seu dia-a-dia, buscando forças em campos sobrenaturais para ter certeza da eficácia simbólica, pois no campo do futebol há tantas coisas que dependem do “acaso” ou da “sorte”.

Essa procura por ajuda do sobrenatural, ou podemos ainda incluir, pelo processo mágico, dá-se pelo uso de amuletos, tais como pata de coelho, galho de arruda na chuteira de jogo, figa na corrente do pescoço; por “simpatias”, como beijar a aliança na hora de iniciar o jogo ou na hora de comemorar um gol, deixar a barba crescer, ficar no mesmo hotel que ficou quando ganhou o último jogo, etc. Morris (1981, p. 153) diz que:

Existem, ainda, outras ações que podem ser identificados como verdadeiros rituais supersticiosos: a mesma alimentação, os mesmos lugares à mesa, os mesmos lugares no ônibus que o transportam para o estádio, entre outros.

Essas construções da superstição do ritual da “força sobrenatural” são próprias a partir do medo ou mediante acontecimentos de uma grande performance. Daolio (2003, p. 199) diz que “o pensamento supersticioso é autojustificável, mesmo quando não atinge o resultado esperado”. Pierucci (2001) afirma que os sentimentos mágicos estão presentes todas às vezes em que são executados certos gestos simbólicos e quando as coisas ficam carregadas de uma força que obedece aos desejos humanos.

Segundo Jacq (2001, p. 15), “a força sobrenatural reside no coração do ser, ela vive no seu templo interior e essa força não está fora do alcance da inteligência humana”. Para o autor,

Conhecer o deus da magia é descobrir o poder dos poderes, penetrar no jogo harmonioso das divindades [...]. Esta energia pode ser definida como energia essencial que circula no Universo, tanto dos deuses como dos humanos.

A dimensão religiosa é outro elemento que se faz presente nesse universo da superstição: a hora da oração abraçados, no início e no término do jogo; quando se benzem com o sinal-da-cruz uma, duas e até três vezes antes de iniciar o jogo, ou depois de chutar uma bola em gol, convertendo-o ou não.

Todas essas variadíssimas formas de manifestações supersticiosas têm sido praticadas por milhares de jogadores e de equipes. Para Morris (1981), essas formas tornam-se mais intensas quando antecedem o início dos jogos, momento em que a tensão atinge o seu auge. É nessa hora que os jogadores também se protegem com seus amuletos e rezam.

Mesmo que uma equipe dependa do craque, do bom goleiro, do técnico, do patrocinador que dá sustentação para a montagem de equipes competitivas, os atletas e os dirigentes acham que o futebol é mesmo decidido por estranhas forças. O jogador parece ter uma “conversinha com Deus”. Outros até falam

com os santos. Alguns técnicos apelam para os santos dos últimos dias, para os espíritos, para a religião, para o misticismo.

Shirts (apud DAOLIO, 2003, p. 197) diz que:

Não se pode falar no Brasil em discurso futebolístico sem tratar do aspecto religioso que o envolve. Seria equívoco pensar que isso se resume em orações antes de jogos. Não. Trata-se de um elemento integrante do discurso, ora católico, ora umbandista [...].

Parece-me que quanto mais intensa for essa prática entre os que trabalham para o alcance de um determinado rendimento esportivo, mais essa energia liberada por tal prática pode ser transferida ou sentida pelo próprio torcedor ou espectador.

Para os jogadores, no caso do futebol, alguns ritos mágicos vêm a se somar aos ritos da própria preparação para as competições esportivas, por mais racionalizada que essa preparação possa ser. O binômio sucesso–fracasso configura uma constante tensão nessa área, agindo como ascese (esforço, perseverança) na esperança de um resultado favorável. Para vencê-la, diz Rivière (1996 p. 215):

Não basta somente o esforço físico, determinação psíquica, habilidade técnica e tática. Julga-se que o desfecho depende de forças incontroláveis, da sorte, do destino e não só do 'moral' ou da 'forma'. A fim de evitar a 'má sorte' ou 'azar' e atrair a sorte, existem numerosas práticas, senão ocultas, pelo menos supersticiosas nas quais as pessoas acreditam sem grande convicção: mascote que inspira segurança, medalha, número da sorte.

E, poder-se-iam acrescentar, ainda, tantas outras atitudes que vemos cotidianamente no mundo esportivo, tais como proibições alimentares, galinhas pretas, velas atrás da trave, etc. .

O filósofo Spinoza (1973) faz uma análise teórica a respeito da superstição, pois queria descobrir o que levava o homem à servidão e à obediência. Essa análise tem, segundo Aranha e Martins (1995), características que a aproximam do conceito marxista de ideologia. Quando trata do tema “críticas à religião”, Chauí (1999, p. 309) retorna a Spinoza (1973), dizendo que ele, antes de efetuar uma crítica à religião, inicia pela superstição:

Os homens têm medo dos males e esperança dos bens. Movidos pelas paixões (medo e esperança), não confiam em si mesmos nem nos conhecimentos racionais para evitar e conseguir bens. Passional ou irracionalmente, depositam males e bens em forças caprichosas, como a sorte e a fortuna, e as transformam em poderes que os governam arbitrariamente, instaurando a superstição. Para alimentá-la, criam a religião e esta, para conservar seu domínio sobre eles, institui o poder teológico-político. Nascida do medo supersticioso, a religião está a serviço da tirania, tanto mais forte quanto mais os homens forem deixados na ignorância da verdadeira natureza de Deus e das causas de todas as coisas.

Resumindo, para Spinoza (1973), segundo a autora acima, a religião nasce da superstição, ou melhor, é a superstição que dá origem à religião. Mais uma vez entendo que a superstição no futebol é uma expressão do ser humano que é justificada pela sua crença em algo que é transcendental.

Será que podemos pensar que manifestações supersticiosas no ambiente futebolístico podem contribuir para ascensão ou criação de “bravos heróis” e, que eles, nessa posição, podem tornar-se, no imaginário social, um mito do futebol? Qual a relação entre superstição e mito?

Esse item do referencial teórico deverá ser um dos suportes mais consistentes de meu estudo, pois foi na obra de Joseph Campbell que encontrei uma das relações mais interessantes para entender a superstição, que inicia com a idéia do mito. Esse autor é um dos maiores estudiosos da

Mitologia Universal. Ele relata em uma de suas obras que “toda a vida do herói é apresentada como uma grande sucessão de prodígios, da qual a grande aventura central é o ponto culminante” (CAMPBELL, 1949, p. 213). Continuando, o autor afirma que “isso está de acordo com a concepção segundo a qual a condição do herói é algo que já está predestinado, e não algo simplesmente alcançado”.

Os jogos olímpicos gregos possuíam um valor sagrado que na verdade era um culto à divindade, às forças superiores. Segundo Rubio (2001, p. 78), “os feitos atléticos colocavam seus protagonistas nas galerias dos heróis mitológicos”. Considerados como semideuses, o herói como atleta bem-sucedido tornava-se mito. Para mim, tudo isso faz parte do encantamento sobre a população devido ao grande interesse que os heróis esportivos despertam. Com isso, transformam os acontecimentos de que participam em histórias que são transmitidas através de gerações, chegando até os dias atuais. Entendo que a mitologia grega é bastante rica em termos de contos e explicações da origem do mundo, atribuindo a tudo os poderes dos deuses do Olimpo. Assim, Campbell (2001, p. 199) diz que para todos os seres humanos “sempre foram contadas, sob formas míticas, as histórias que querem que sejam lembradas e passadas adiante”.

A sociedade moderna, através do esporte, caminha nesse sentido. Vincula-se a ela, também, a valorização do atleta. Para Rubio (2001), o atleta-herói que se identifica como o mais forte, o mais rápido, o mais habilidoso e que supera todos os obstáculos para alcançar o êxito, as vitórias, é por isso mesmo considerado por todos como um perfeito campeão. Associa-se, assim, mais uma vez o herói ao atleta, ou seja, como alguém realizador de feitos incomuns, representante maior de tudo o que se deseja alcançar, motivo pelo

qual é elevado à condição de mito. Rubio (2001, p. 212) considera que o mito da antiguidade “exerceu e ainda exerce grande influência na construção da condição heróica do atleta”, mesmo com toda a transformação ocorrida tanto na função como no papel desses profissionais do esporte na vida social. Entendo que esses mitos são capazes de unir multidões em torno do mesmo objetivo, apresentando características especiais. São indivíduos que, além do talento natural, da força de vontade, do caráter e da humildade, reservam uma cota de sorte, magia, algo sobrenatural que faz com que sejam diferentes de um simples mortal.

Campbell (1990, p. 142) afirma que esses heróis ou mitos conseguiram “reunir sob a constelação de imagens suficientemente poderosas várias tendências individualistas”. Eliade(1963, p.123) ao falar do mito afirma: “ Ao contar como as coisas foram feitas, os mitos desvendam por quem e porquê elas foram, e em que circunstâncias. Todas essas revelações envolvem mais ou menos diretamente o homem, pois constituem uma < história sagrada>”. Partindo destes pensamentos, penso na figura de Ayrton Senna como exemplo de desportista, o qual é considerado como verdadeiro mito não só no Brasil, mas em todo o mundo, recebendo, portanto, o automobilismo a sua devida valorização. Em 2004 completou uma década da morte de Senna, mesmo assim foram prestadas homenagens em muitas cidades mundo afora. Ayrton Senna era considerado pelos especialistas como um piloto habilidoso dentro das pistas e que fora delas transmitia uma filosofia de vida baseada na determinação de vencer e na humildade diante do sucesso. Tudo isso o tornou exemplo para a maioria dos brasileiros e por grande parcela de pessoas no mundo inteiro. Ayrton Senna incorpora o que Campbell (1949) chama de herói mitológico, para o qual o herói mitológico é um inovador em sintonia com o seu

tempo, pois Senna, para os especialistas em Fórmula 1, criou uma forma diferente de pilotar. “O herói público é sensível às necessidades da sua época [...] e muitos heróis doam suas vidas, e que através desta vida sacrificada nasce uma outra vida (CAMPBELL, 2003, p. 142)”.

Fica evidente também que os grandes heróis que morrem durante ou logo após os seus grandes feitos têm mais chances de serem considerados mitos. Isso porque a mídia certamente possui um papel fundamental e um interesse particular na criação do mito, visto que a formação de um ídolo, de um herói, em todas as áreas e especialmente no esporte, passa pela imagem que a os meios de comunicação veiculam acerca desse personagem. Citando Rosenfeld (2000), “aos heróis e aos ídolos abrem-se todas as portas, inclusive as dos palácios”. Como exemplos esportivos de grandes heróis podemos citar Senna, Pelé, Maradona, entre outros.

Para Miceli (1988), a mensagem televisiva trata o herói esportivo de forma mistificadora quando aborda a sua carreira e a sua façanha esportiva, perpetuando assim a sua imagem. Para Campbell (2003, p. 131), o herói não se apresenta dentro de um modelo único. Ele se manifesta como dois tipos possíveis: (1) o herói físico e (2) o herói místico. O primeiro é aquele que, “pratica um ato de coragem durante a batalha, ou salva uma vida”. Já um herói é místico quando “aprende a lidar com o nível superior da vida espiritual humana e retorna com uma mensagem”.

Segundo Rubio (2001, p. 95), esses “dois tipos distintos de dificuldades e de inimigos que encontraram os heróis em suas jornadas são aqueles que os seres humanos enfrentam em suas trajetórias pessoais”. O autor afirma ainda que “os desafios físicos dos vários momentos do ciclo do desenvolvimento vital

e os desafios da subjetividade e da alma são postos desde o nascimento até a morte”.

Partindo desse princípio, entendo que o herói esportivo é induzido, influenciado mesmo por alguma coisa transcendental, pela convicção que tem nas suas próprias possibilidades, mas, principalmente, pela ajuda metafísica que recebe. Esse é o aventureiro de Campbell (2003), que sabe que em seu caminho existe algo que é transcendente, uma força maior que não depende só dele.

Para Campbell (2003, p. 138), o herói está “sempre pronto para enfrentar a situação” através dessas histórias. “A aventura para a qual o herói está pronto é aquela que ele de fato realiza”. O autor afirma ainda que “a aventura é simbolicamente uma manifestação do seu caráter”.

No mundo esportivo, podemos descrever essa aventura narrada por Campbell (2003) através do herói esportivo, que geralmente é de bom caráter, dedicado e trabalhador. Talvez devido a essas características é que os heróis esportivos exercem tanta sedução sobre os torcedores e sobre o povo de modo geral. Isso, segundo Magnane (1969, p. 99), deriva da “necessidade de um herói que triunfe sobre as dificuldades que nós próprios sofremos e com que a identificação seja possível, mesmo fácil”.

A partir dessas dificuldades e, principalmente, pela necessidade de vencê-las, ocorre à primeira instância para o apelo às manifestações supersticiosas. Quando as vitórias acontecem em circunstâncias previstas ou “invocadas” de acordo com o ritual supersticioso, consolida-se, assim, uma conduta supersticiosa que certamente perdurará até o fim da carreira de um atleta. Caso as vitórias se tornem uma constante, a superstição e o imaginário social em torno dele criam a figura do mito. “O mito é, assim, um ingrediente

vital da civilização humana; não é um conto inútil, mas uma força ativa, laboriosa” (MALINOWSKI, 1984, p. 104). Já Campbell (2002) entende que o mito entra em cena quando o rito, a cerimônia ou uma regra geral e moral ou social necessitam de justificativa, de garantia de antiguidade, de realidade e de santidade. Por fim, Malinowski (1984) diz que o mito é, então, um elemento essencial da civilização humana.

Retornando à mitologia grega, as competições de jogos da antiga Grécia possuíam as características de desportos que hoje em dia são praticados. Alguns se popularizaram com bastante rapidez, sendo absorvidos por outros países, como se deles fizessem parte, como, por exemplo, o futebol, conforme aponta Elias (1992). Avalio assim que o futebol é um desporto de numerosos mitos ou heróis que se consagraram no terreno esportivo e que não saem mais da lembrança popular. Para Sigrist (2005, p. 4), “eles servem, primeiramente, de elementos orientadores e controladores da conduta social do grupo que os adota; porém, esses elementos aparecem camuflados e agem subliminarmente no inconsciente individual e coletivo”. E, para consolidar mais ainda a figura mitológica de um herói, temos a participação da mídia.

No Brasil, durante muito tempo, o futebol reinou sozinho como o esporte de maior destaque ocupando grande espaço na mídia em virtude da sua popularidade. Podemos dizer até que foi o responsável, ou um dos principais responsáveis, pela projeção do país no exterior. O nome “Pelé” passou a ser conhecido no mundo inteiro, e Edson Arantes do Nascimento tornou-se “o atleta do século”, gerado pelo futebol tendo sido escolhido por jornalistas esportivos de toda parte do planeta. E, conseqüentemente, tornou-se um herói, um mito, e não só para nós, brasileiros, transformando o futebol num veículo para que novos mitos, novos heróis aparecessem.

Entre esses atletas estão: Garrincha, Carlos Alberto, Leônidas da Silva, Zico, Falcão, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Nazário, Rivelino e tantos outros. São pessoas que alcançaram tamanho destaque que se transformam em símbolos de talento e dedicação no esporte endeusados pela população, imitados pelas crianças servindo de modelos para comportamento de suas vidas. Campbell (2003) afirma que os mitos passados nos ajudam a compreender o presente e a nós mesmos. O autor considera o mito parte integrante e indissociável da existência humana.

No livro *O herói de mil faces*, Campbell (1949) descreve a “jornada do herói”, que foi criada a partir da constatação de que existem grandes semelhanças entre os mitos de diferentes culturas: há sempre uma partida, uma tarefa a ser realizada e um retorno, roteiro básico da experiência de todo ser humano.

Podemos dizer que os “nossos” heróis de hoje cumprem mais ou menos as mesmas funções sociais que os antigos heróis. Ao se tornarem mitos, encarnam virtudes e qualidades.

Ilustraremos essa “jornada” através da história de vida pessoal/profissional do jogador Ronaldo Nazário.

Ronaldo é um atleta de origem humilde que participou da Seleção Brasileira e que conquistou a Copa do Mundo de 1994 com apenas 17 anos. Após essa conquista, transferiu-se para o PSV da Holanda e depois para o Barcelona da Espanha, tornando-se ídolo nesses clubes e recebendo o prêmio de melhor jogador de futebol do ano de 1997. Na Copa do Mundo de 1998, sediada na França, quando todos os “especialistas de futebol”, especialmente os comentaristas esportivos, consideravam que ele (Ronaldo) sairia consagrado na Copa do Mundo da França, o atleta teve um mau êxito no último

jogo. A imprensa especializada o considerou um fracassado: para muitos, era o fim da sua história. Ronaldo foi então jogar no Inter de Milão e teve uma lesão gravíssima, ficando afastado dos gramados por um longo período. A sua volta aos campos tornou-se uma incógnita para o mundo do futebol. Mas Ronaldo retornou, conseguindo superar a lesão. Com isso, foi habilitado a ir disputar a Copa do Mundo de 2002, sediada no Japão. De lá saiu como artilheiro da competição e conquistou o Pentacampeonato Mundial para o Brasil, além de ter sido escolhido o melhor jogador da Copa. Trata-se verdadeiramente de uma trajetória heróica, e Ronaldo continua sendo, a todo instante, o destaque na mídia especializada.

Assim, antes de tratar de alguns exemplos concretos de superstição no esporte e que, além de caracterizar bem o que se expôs acima, esta pesquisa mostra também a dificuldade que se pode ter para uma compreensão desse assunto a partir de alguns referenciais teóricos. Portanto, busco ainda uma última tentativa nas ciências para abrir o leque de compreensão da temática.

## **2.4 Ciência e superstição**

Ao entrar na relação “ciência e superstição”, pretendo não defendê-las, mas tentar mostrar que ambas podem andar lado a lado nessa busca incessante por seu objetivo final, que é o de compreender a vida e o que o futuro nos reserva. Desde os gregos, é sabido que o desejo de conhecer o mundo é inerente à natureza humana. Somos curiosos por natureza. Kloetzel (1990, p. 60) diz que “a necessidade dos homens de acreditar sempre se mostrou mais poderosa que o apetite pela verdade”, pois, continua o autor, “é

preciso ser muito ingênuo – e péssimo observador – para acreditar que a superstição possa um dia ser erradicada da face da terra”. Para Rossi (2001), é um engano achar que a ciência surgiu depois de derrotar a magia, a superstição e tantas outras pseudociências que se opunham a ela. Rossi (2001) diz que a nova mentalidade cresce junto com eles e a despeito deles estarem se fortalecendo. Como estamos vendo, ao contrário do que muitos cientistas esperavam, a superstição não findou com o avanço da ciência e da tecnologia.

Entre os séculos XVI e XVII, a ciência utilizou várias nomenclaturas, hoje com as denominações de ciência moderna, tais como filosofia natural, magia universal, nova ciência, filosofia experimental (GOLDFARB, 1994, p. 10). Tais nomenclaturas surgiram “em virtude das discussões e debates que havia na época a respeito de quais seriam seus pontos de apoio, seus temas principais”. Não podemos saber sobre ciência, continua o autor,

mas compreendemos quando alguém diz que a cura para tal doença está sendo cientificamente estudada. Mesmo não sabendo dizer o que é ciência, nós acreditamos que todos os termos a ela relacionados – científico (a), cientificamente, cientista, cientificismo... – têm a ver com algo objetivo, sério, exato e quase sempre importante e verdadeiro.

Pensando num conceito positivista de ciência, Santos (2004) diz que a ciência compõe-se de conhecimentos sobre um objeto de estudo que é expresso através de uma linguagem precisa. No entanto, esse é um conceito retirado das ciências exatas e das ciências da natureza, estabelecendo a rigorosidade metodológica do se fazer ciência e que, hoje, com o avanço da física quântica principalmente, essa percepção já é muito mais questionada.

O termo “ciência”, em seu sentido moderno, surgiu no século XIX (a palavra *ciência* é muito antiga, tem origem latina, e quer dizer *conhecimento em geral*). Para Schwartzman (1984), não existe ainda um conceito único e consensual sobre o que seja “ciência”, mas noções que variam ao longo do tempo e do espaço.

Em artigo intitulado “Conhecimento científico e senso comum”, Cristina Oliveira (2004) diz que não é conveniente pensar que a ciência é um conhecimento certo e definitivo, pois ela avança em contínuo processo de investigação que supõe alterações à medida que surgem fatos novos, ou quando são inventados novos instrumentos. A ciência não é uma fonte de certezas; como vimos, ela admite a possibilidade de erros e a necessidade de as idéias serem revistas. A ciência faz parte da construção humana e por isso traz em sua acepção os acertos e erros, as vitórias ou fracassos próprios do ser humano. O mundo está sempre em processo de mudança, e não podemos ter um modelo único. O homem se configura como uma perpétua fonte de novidades. Para Sagan (1996, p. 42),

os seres humanos podem ansiar pela certeza absoluta; podem aspirar a alcançá-la, mas a história da ciência – de longe o mais bem-sucedido conhecimento acessível aos humanos – ensina que o máximo que podemos esperar é um aperfeiçoamento sucessivo de nosso entendimento, um aprendizado por meio de nossos erros, uma abordagem assintótica do universo, mas com a condição de que a certeza absoluta sempre nos escapará.

Campbell (2002) também busca explicações da origem e da natureza das coisas. O autor reflete sobre a ciência no século XX, que desenvolveu novas maneiras de fazê-la, e com isso surgem as grandes descobertas, tais como a teoria da relatividade, a física quântica, passando também pelas teorias da genética e da robótica. Hoje não podemos mais viver sem esse

conhecimento científico, mas ainda não podemos viver sem que a ciência progrida, pois a vida torna-se cada vez mais científica.

Sobre a ciência, Kloetzel (1990 p. 60) informa que ela prosseguirá crescendo, porém “mais no aspecto profano, naqueles que afetam o dia-a-dia, a vida material e a tecnologia”.

Já Goldfarb (1994, p. 71) relembra os grandes cientistas históricos, como “Copérnico, Galileu e Newton, que continuam brilhando como exemplos maiores das grandes descobertas, pois conseguiram criar a ciência que serviria como modelos às demais ciências”. Galileu, que viveu de 1564 até 1642, introduziu a metodologia científica nos estudos de fenômenos que anteriormente só eram apresentados e defendidos na teoria, instaurou conceitos e realizou descobertas fundamentais para o desenvolvimento da ciência. Com isso, a revolução científica marca a autonomia da ciência quando ela busca seu próprio método. Sapiroto (2005) diz que não podemos afirmar que Galileu tenha criado a experimentação, pois ela já existia nas mais diversas formas, mas a aplicação que ele deu a essa prática, voltada para o campo científico e investindo sempre no aprimoramento, tornou-o merecedor do título. Segundo a autora, é só depois dessa mudança que a ciência assume sua importância na vida do homem. Por sua vez, Oliveira (2004) diz que “o renascimento científico não constitui uma simples evolução do pensamento científico, mas verdadeira ruptura que supõe nova concepção de saber”. Para esta autora,

Fazer ciência não é necessariamente aproximar-se da verdade. A ciência não é a simples prática da verdade, mas aquilo que um grupo estabelecido entende e partilha como a melhor maneira de resolver e elucidar temas de investigação científica.

Nesse sentido, volta-se a reafirmar a citação de Feyerabend (1977, p. 337) de que “a ciência é apenas um dos muitos instrumentos inventados pelo homem para fazer uso face à circunstância. Não é o único, não é infalível”.

Igualmente, Kloetzel (1990) entende que a ciência está sempre pronta para mudar, desde que seja para melhor, e Malinowski (1984) diz que a ciência está aberta a todos, sendo um benefício para a comunidade. Ela nasce da experiência, é norteada pela razão e corrigida pela observação.

O que o futuro nos reservou? O que podemos fazer para ter certeza se o que estamos fazendo vai dar certo? O nosso caminho é o correto? Essas perguntas são insistentes porque, por mais que a ciência progrida, ela nunca atinge inteiramente o seu objetivo final; a cada passo à frente ela apenas aperfeiçoa e corrige o seu rumo.

Durante o século passado existia um conflito insolúvel entre conhecimento e crença. Para muitos, a crença que não se fundasse em conhecimento era superstição, e como tal deveria ser combatida.

Sagan (1996, p. 390) diz que um grupo de cientistas notáveis (entre eles Albert Einstein),

advogou a idéia de apresentar a ciência pela ciência, e não apenas como meio de produzir aparelhos para vender; focalizando o modo de pensar, e não apenas os produtos. Eles estavam convencidos de que uma ampla compreensão popular da ciência era o antídoto para a superstição e a intolerância; de que, como disse o divulgador da ciência, Watson Davis, ‘o caminho científico é o caminho democrático’.

Já hoje em dia vivemos em uma sociedade em que a racionalidade e a objetividade imperam. São poucas as pessoas que não se alimentam de crenças e superstições que influenciam o seu dia-a-dia. Jahoda (1978) compreende que a superstição tem grande possibilidade de se manifestar

quando surgirem situações aflitivas ou perigosas, incertezas, etc. Se esse raciocínio é válido, pensa o autor, contribuirá para o entendimento do porquê de certas pessoas e classes tenderem a ser mais supersticiosas do que outras. Com isso, as profissões de grandes riscos podem estar mais expostas às superstições. Já Hurley (2000) fala que Platão traçou uma distinção entre aquilo que chamou de opinião e conhecimento. Para ele, a opinião é uma espécie de consciência incerta, confinada ao particular, inexata e sujeita à mudança. O conhecimento, entretanto, é certo, universal, exato e eternamente verdadeiro.

Sagan (1996, p. 262), um dos maiores defensores da ciência, diz que:

A ciência é diferente de muitos outros empreendimentos humanos – evidentemente não pelo fato de seus profissionais sofrerem influência da cultura em que se criaram, nem pelo fato de ora estarem certos, ora errados (o que é comum em toda atividade humana), mas pela busca de experimentos definitivos que confirmem ou neguem as idéias, de sua paixão pela formulação de hipóteses testáveis que foram consideradas deficientes. [...] se não tivéssemos consciência de nossas limitações, se não procurássemos outros dados, se nos recusássemos a executar experimentos controlados, se não respeitássemos a evidência, teríamos muito pouca força em nossa busca da verdade.

Mais uma vez relembremos Kloetzel (1990, p. 53), que diz “a ciência afeta a vida material, o dia-a-dia, e que a superstição leva as pessoas a recearem passar por debaixo das escadas, partir espelhos e derramar sal. Isso toca no campo do sagrado, da ideologia da alma”. Moura (1988) vem corroborar com essa afirmação ao dizer que as práticas supersticiosas, em todo o mundo, estão presentes em paralelo com o avanço tecnológico. Malinowski (1984, p. 89), por sua vez, vai afirmar que:

A magia baseia-se na experiência específica de estados emocionais em que o homem observa a si próprio, e não na natureza [...]. A ciência fundamenta-se na convicção de que a experiência, o esforço

e a razão são válidos; a magia na crença de que a esperança não pode falhar nem o desejo iludir.

Ciência e superstição, para Sagan (1996), estão em lados opostos, em que a atividade científica reconhece a importância do apoio em provas, à objetividade e a integridade; já a superstição ignora essas provas. Entretanto, Jahoda (1977, p. 167) acredita que “o progresso da ciência tem sido acompanhado do crescimento de novas espécies de superstições”, pois a superstição “é um conceito relativo, dependente do estado do conhecimento científico em determinado momento e tempo” (JAHODA, 1977 p. 155).

Schmitt (1988, p. 5), ao refletir sobre a cientificidade, diz que

os critérios essenciais de avaliação que a comunidade científica empregou para qualificar uma determinada crença ou comportamento como ‘supersticiosa’ ou ‘não supersticiosa’ foram, por exemplo: a superstição é uma crença sem base científica ou cuja inexatidão foi comprovada.

Popper (apud LAKATOS; MUSGRAVE, 1979, p. 3) diz que “a ciência parte do senso comum, sendo que é justamente a crítica ao senso comum que permite que este seja corrigido ou substituído. Assim toda ciência é senso comum esclarecido”. Por exemplo, Copérnico formulou a hipótese de que o sol é o centro do nosso sistema planetário e que a terra gira em torno desse astro. Essa hipótese era uma oposição à idéia daqueles que apontavam a terra como sendo o centro do universo. Com a invenção do telescópio por Galileu Galilei e através de várias observações que ele realizou confirmou-se à teoria de Copérnico.

Já no que diz respeito à superstição, como provar que um gato preto, ao cruzar o caminho de uma pessoa, lhe trará má sorte, ou que, ao passar por debaixo de uma escada, isso também lhe fará mal? Qual teste prova essas

hipóteses? Apesar da falta de provas de que tais hipóteses sejam verdadeiras, as pessoas acreditam que, ao passar por debaixo da escada ou se o gato preto cruzar o seu caminho, isso possa lhes causar problemas. Já outras pessoas já considerariam essas hipóteses como sorte. Será que é possível uma superstição ou uma crença vir, mais tarde, a fundar-se como uma ciência? E, se isso for possível, como aplicar as regras das hipóteses que sustentam a ciência e a superstição? Na ciência, a regra é cumprida à risca, porém, na superstição, é freqüentemente ignorada. Kloetzel (1990) entende que a observação da natureza tanto pode levar à superstição como também pode contribuir para o conhecimento científico, pois a característica fundamental de obtenção de provas científicas é a repetição. Leherpeux (1990, p. 26) diz que:

É preciso que admitamos, portanto, que nem superstição tradicional nem a crença nas paraciências são incompatíveis com a posse de um saber científico e que elas são totalmente independentes de qualquer atitude de desconfiança com relação à ciência.

As superstições existem pelo menos em parte para satisfazer às necessidades emocionais do ser humano, sendo que as principais emoções que estão na origem das crenças supersticiosas são o medo e a ansiedade, pois, afinal de contas, a ciência ainda é incapaz de vencer a morte (NUNES, 2000).

Jahoda (1977) nos diz que Freud e Jung estão de acordo quando dizem que crenças e práticas supersticiosas estão profundamente enraizadas nos processos mentais inconscientes do homem. Ambos afirmam que a superstição não é algo do passado ou que se limita às pessoas pouco instruídas. Ela é considerada como parte integrante da constituição mental de todos e como pronta para aparecer em determinadas circunstâncias.

Cláudio Blanc (2005, p. 29), ao falar de Joseph Campbell, diz “que”

toda a experiência que nossa espécie trouxe ao longo de sua evolução, os impactos causados em nossa psique pelos mistérios que nos cercam e que surpreendiam e atemorizavam nossos ancestrais, o mistério de estar vivo neste lugar aqui e agora, a certeza da morte que nos assombra, tudo isto e outras coisas que sequer sonhamos podem ser despertadas, percebidas intuitivamente, vistas em *insight* através de imagens, de símbolos, de metáforas, através do mito.

A tentativa de se distinguir “ciência” de “superstição” tem raízes antigas na nossa história. Mesmo com traços opostos, é provável que um conjunto de crenças seja científico ou supersticioso. As experiências do dia-a-dia bem como os sucessos e os fracassos repetidos mais ou menos regularmente permitem chegar a essa generalização. Por exemplo, os sujeitos pensados neste estudo, ou seja, os jogadores de futebol, habituaram-se a usar só um tipo de chuteira depois de verificar que de hábito isso lhes trazia sorte. Nesse sentido, Kloetzel (1990, p. 61) diz que “as superstições fazem parte de nossa natureza, elas foram aceitas porque atendiam a uma necessidade preexistente”.

Sobre superstições comuns, Razente (2001) diz que “não são formas de comportamento anormal, mas, pelo contrário, características normais da vida quotidiana, com efeitos positivos da adaptação e saúde mental dos indivíduos”. Temos alguns costumes no nosso dia-a-dia que são automáticos, impensados, são apenas uma repetição daquilo que nos ensinaram. Seu significado já foi esquecido, como, por exemplo, o aperto de mão, que no início era puro gesto de magia. Ou o hábito de desejar “saúde” a alguém que espirrou, que originalmente era uma benção para que a alma, no ato do espirro, abandonasse o corpo e retornasse ao seu devido lugar. No passado esses costumes eram considerados supersticiosos (KLOETZEL, 1990).

Na revista época de 2001 ela traz uma matéria abordando a origem das cismas e de onde vem os presságios populares como: Passar por debaixo da escada da azar: Os antigos acreditavam que, apoiada, a escada formava o triângulo da Santíssima Trindade. Passar por baixo dela era ter afinidade com o Diabo. Trevo de 4 folhas da sorte: Acredita-se que Eva, ao ser expulsa do Paraíso, levou consigo um trevo de quatro folhas. Sua descendência acabou povoando o mundo. Que o número sete é sinal de bom presságio: A crença remete à criação do universo, em sete dias. Quem vem ao mundo em um dia divisível por sete é, portanto, um sortudo nato. Bater na madeira com a mão direita afasta coisas ruins. O homem primitivo achava que os espíritos habitavam as árvores. Tocava-as para pedir proteção. Santayna (apud KLOETZEL, 1990, p. 62) “descreve as atitudes de ambivalência que, indecisas entre um ou outro, prestam tributo tanto à superstição quanto ao ceticismo”. Assim, continua o autor, “as superstições jamais serão inteiramente compreendidas se não levarmos em conta esse fenômeno tão curioso”. É tal fenômeno que nos faz crer que nosso panorama do mundo se desenrola simultaneamente pelo menos sobre duas telas distintas. Como explicar que um goleiro que insiste em usar o mesmo par de luvas num jogo se sinta mais seguro, mesmo não convencido de que isso lhe evitará tomar uma goleada? Ou que aquele jogador que gosta de jogar com a mesma chuteira todos os jogos e por isto não vá perder um gol no momento decisivo da competição?

Assim é possível entender que as superstições provam que independentemente do condicionamento social temos dentro de nós uma vontade e um apetite que só a superstição às vezes consegue saciar, seja através de um milagre ou de apenas uma história bonita, mesmo que implausível. Pode ser que nunca tenhamos usado um amuleto, nunca

carregado um talismã, nem sequer uma figa, muito menos que tenhamos o hábito de bater três vezes na madeira e falar “Isola!”, nem tampouco passar por debaixo de uma escada num dia 13 de uma sexta-feira, ou que nunca tenhamos jogado na loteria com os mesmos números. Mesmo que não tenhamos feito nada disso não deixamos de ser supersticiosos, pois, como diz Kloetzel (1990, p. 65), “o pensamento mágico mora em todos os homens”. E isso pode auxiliar na compreensão do mundo incerto, instável e fragmentado que nos cerca. Nas palavras de Rossi (2000, p. 123),

a escolha entre pensamento mágico e pensamento racional não está absolutamente concluída na modernidade; [...] a magia e a tradição hermética não foram eliminadas da história por obra da Revolução Científica: [apenas] sobrevivem de formas diversas e em diferentes níveis.

Jahoda (1977, p. 154) cita o psicólogo holandês Jacques Van Lenep, que trata da sorte e do azar:

Há claros indícios de que algumas pessoas têm o dom natural de atrair boa sorte, em acréscimo a todos os fatores anteriormente mencionados. Parecem ter nascido sob ‘uma estrela de sorte’, se é permitido usar uma expressão arcaica, ao passo que outras estão sempre numa maré de má sorte. Uns parecem atrair boa sorte, enquanto outros nunca melhoram e apenas fracassam... Talvez estejamos aqui diante da mais profunda e mais importante relação entre homem e seu meio ambiente.

Sagan (1996, p. 359) trata do assunto “sorte” referindo-se ao esporte quando diz que “os jogadores parecem ter o seu desempenho marcado por fases de sorte”. É o chamado “pé-quente”. E continua: “quando o jogador está na sua fase de sorte, ele parece estar se comunicando com algum poder misterioso, isto é, pensamento mágico, e não científico”. Considerado um dos

maiores defensores da ciência, este autor entende que não há mal nenhum em usar um pouco da superstição no esporte e afirma que:

é muito mais divertido pensar que os deuses favoreceram o jogador que está com sorte e menosprezaram o de pé-frio. E daí? Qual o mal de um pouco de mistificação? É certamente muito mais interessante do que as análises estatísticas aborrecidas (SAGAN, 1996, p. 360).

Será que nunca preenchemos os nossos momentos de ociosidade com fantasias? Ou nunca lemos em revistas ou jornais as páginas de horóscopos à procura do que diziam sobre os nossos signos? É fácil repelir a superstição como absurda, mas só podem fazer isso àqueles que são capazes de acreditar que o mês de agosto não é um mês cheio de acontecimentos desastrosos sem pensar duas vezes.

Para Almeida (2002), com exceção da Gazeta Mercantil, todos os demais jornais mantêm seção de horóscopo. Em cada um dos grandes centros urbanos são realizados, em média, dez cursos mensais sobre as ciências do impreciso.

Pensando-se nisso, o que há de mal nas superstições? Se a crença, a fé e a superstição fazem parte da necessidade humana a ponto de, sem elas, nos sentirmos perdidos, não seria lógico admitir que, em vez de remar contra a maré, é mais fácil viver feliz com elas?

Razente (2001), ao tratar dos modelos teóricos da superstição, afirma que “no conjunto dos temas clássicos existem modelos dedicados à superstição”. O autor ainda cita que tanto a superstição como a magia é, para Hubert e Mauss, definidas pelo seu caráter anti-religioso; para Durkheim como pseudociência. Para Maloinowski (1984), a magia e a superstição constituem fato social com fim individual, uma vez que sua função é reduzir a incerteza e a

angústia resultantes da imprevisibilidade diante do meio ambiente, o que se caracteriza como uma resposta à insuficiência da ciência; já Lehmann associa a superstição às crenças que não são nem religiosas e nem científicas, mas resultados de erros de percepção e memorização; Piaget propõe que a superstição é uma manifestação do realismo infantil; e em Skinner o comportamento supersticioso é uma resposta adquirida por condicionamento; com fazer a superstição é uma disfunção do pensamento lógico; para Mauss (1974), a magia é um fato social caracterizado pela irreligiosidade de seus ritos; Estevam (2002) nos diz que Freud propõe que a superstição é uma manifestação de neurose obsessiva; já Silveira (2003) fala que Jung obedece ao princípio de sincronicidade. Uma conclusão geral das teorias clássicas é a noção dominante de que certos estados afetivos estariam na própria raiz das crenças mágicas ou supersticiosas, e o recurso a certas práticas permitiria, dotando-se os elementos do mundo exterior de um poder mágico, reduzir a tensão dele “resultante” (LEHERPEUX, 1990, p. 62).

Em adição, uma característica única e comum a todas as superstições é sua emergência em condições de incerteza, e, para além de estarem ligadas a alguns aspectos anormais do comportamento, também estão intimamente relacionadas com o modo fundamental de pensamento, o qual permite aos indivíduos responder genericamente ao meio ambiente (JAHODA, 1977, p. 146).

Por fim, concordo com Sagan (1995, p. 244), que de certa forma define bem essa relação entre ciência e superstição que aqui procurei demonstrar:

Não há verdade objetiva. Nós criamos nossa própria verdade. Não há realidade objetiva. Nós criamos nossa própria realidade. Há formas de conhecimentos interiores, místicas ou espirituais que são

superiores às nossas formas comuns de conhecimentos. Se uma experiência parece real, ela é real. Se uma idéia nos parece correta, ela é correta. Somos incapazes de adquirir o conhecimento da verdadeira natureza da realidade. A própria ciência é irracional ou mística. É apenas outro credo, outro sistema de crença ou outro mito, e não tem mais justificação de que qualquer um dos outros. Não importa se as convicções são verdadeiras ou não, desde que elas façam sentido para você.

## CAPÍTULO III

### 3. Alguns casos de superstição no esporte

Com o intuito de continuar avançando este estudo, trago mais alguns exemplos de superstições existentes nos esportes e principalmente no futebol.

Mesmo que para alguns atletas torne-se difícil admitir essas superstições como certas, elas são reconhecidas em quase toda competição esportiva do futebol, do amador ao profissional. Alguns gestos, tais como fazer o sinal da cruz, beijar medalhas, entrar com o pé direito, entre outros, principalmente nos momentos que antecedem os jogos, pertencem à prática rotineira de um futebolista.

Será que no esporte os atletas em geral concordam com Francis Bacon quando ele diz que evitar as superstições é uma outra superstição.

Como diz o adágio espanhol, "Yo no creio em lãs brujas, pero que lãs hay, lãs hay" (GOLDFARB, 1994).

Logo, existe uma certa dificuldade em conceituar a superstição, uma vez que ela envolve também as práticas religiosas. Mas, como já fiz uma tentativa nesse sentido nos capítulos anteriores, procurarei agora criar algumas categorias com base em alguns autores que estudam o assunto, no intuito de classificar os exemplos de superstição que vão sendo apresentados.

Quem já não percebeu que o jogador Ronaldo "O Fenômeno" entra sempre com o pé direito no gramado? Essa crença é praticada por incontáveis números de jogadores, desde o lateral Roberto Carlos como também o atacante Sony Anderson.

Os brasileiros se caracterizam por ter costumes curiosos antes de disputar uma partida. Enquanto alguns deixam velas no vestiário, outros colocam as suas santas num pedestal de mármore.

Siqueira(2001) pesquisou na década de 70 algumas superstições que envolvia o futebol brasileiro naquela época, nesta pesquisa enumerou 149 situações com torcedores, técnicos e jogadores subdividindo em superstições do futebol brasileiro, práticas supersticiosas relacionadas com objetos, práticas supersticiosas relacionadas com vestuários, relacionadas com alimentação e também com loteria esportiva, aqui enumero alguns exemplos:

- 1- Jogador entrar com pé direito.
- 2- Jogador entra com o pé esquerdo.
- 3- Jogador se benzer antes do jogo.
- 4- Jogador com galho de arruda.
- 5- Jogador bater com a ponta da chuteira no chão, três vezes, antes de cobrança de qualquer falta.
- 6- Substituição de atacante durante o jogo.
- 7- Goleiro se benzer.
- 8- Goleiro benzer a barra ao entrar em campo
- 9- Goleiro bater três vezes com a chuteira na trave antes do início do jogo.
- 10- Goleiro dar três tapinhas no travessão antes do início do jogo.
- 11- Time iniciar o jogo jogando do lado predileto.
- 12- O Fortaleza não entra em campo antes do adversário.
- 13- Torcedor assistir jogos sempre no mesmo local.
- 14- Torcedor entrar em campo se benzendo.
- 15- Torcedor fazer figa durante todo o jogo.

- 16-Torcedor levar sempre a mesma almofada.
- 17-Torcedor levar sempre imagens para o estádio.
- 18-Torcedor vestir sempre a mesma roupa do time em dias de jogos.
- 19-Jogador comer a mesma comida antes do jogo.
- 20-Torcedor usar sempre a mesma sunga nos jogos.
- 21-Técnico usar sempre pé de coelho.
- 22-Acender velas no vestiário.
- 23-Jogar sal grosso dentro do vestiário.
- 24-Time conservar o mesmo mascote durante todos os jogos, como por exemplo, o cãozinho Biriba, do Botafogo, há alguns anos.

Leherpeux (1990, p. 27) faz distinção entre crenças de existência e crenças de causalidade, com várias categorias para considerar as dimensões sociais dessas superstições. Considera duas componentes na análise: formais e sociais. Em relação aos componentes formais estabelece (a) crenças de existência e (b) crenças de causalidade. A seguir, é apresentada a descrição correspondente a cada um desses tipos de crenças.

As crenças de existência caracterizam-se pela convicção de que alguma coisa (objeto, ser, espírito ou fenômeno) realmente existe. Como exemplo podemos citar o médico da Seleção Brasileira de Voleibol, que também dá o seu depoimento no site da CBV (2002) de que possui um tênis muito velho e que já foi campeão do Grand Prix, da Liga Mundial, da Copa América e Campeão do Mundo, e que, enquanto o tênis velho agüentar, estará com ele em todos os momentos decisivos. E tem mais: antes de cada partida importante, ele distribui o mesmo bombom para as mesmas três pessoas: “Nas finais sempre compro um bombom para mim, um para o Tabach (assistente-técnico) e o outro para o Bernardinho, tem dado certo até agora”.

Carlos Alberto Silva, treinador do Guarani de Campinas no ano de 1996, usava um galho de arruda nos treinos em virtude de o time bugrino estar desfalcado de vários titulares para o jogo das quartas de final do Campeonato Brasileiro.

Em entrevista para a Furacao.com o técnico Antônio Lopes diz:

Que tem crucifixos e medalhinhas. É de religião, sou católico como todo português e é nisso que eu me apego. Tem também um Santo Antonio, de quem sou devoto, porque eu sou Antonio e porque Antonio também foi um grande amigo de Jesus Cristo. No futebol, você tem que tirar partido de tudo, dos pequenos detalhes.

Na mesma entrevista treinador Antônio Lopes relata que começou a usar a mesma camisa a partir de 97, quando dirigia o Vasco.

Ao perder os três primeiros jogos do campeonato. Quando veio o jogo contra o São Paulo, que naquela época tinha um timaço. Ganhamos de 2x0 e demos um chocolate. Eu fui fazer aquele jogo com uma camisa verde e aí não tirei mais ela. Depois, passei a usar a cor dos clubes em que eu estava e também deu sorte. Essa vermelha que uso agora foi a minha mulher que me deu. Na primeira vez que usei, ganhamos do Santos. Ela até já descosturou, mas minha mulher levou para arrumar.

As superstições também acompanharam os jogadores e o treinador da Seleção Portuguesa na Campanha da Eurocopa de 2004. O jogador Cristiano Ronaldo prefere usar esparadrapo nas orelhas e assim não ter que tirar seus brincos de sorte; outro jogador, Costinha, prometeu que só se barbearia quando a Seleção de Portugal fosse eliminada da Eurocopa. O ex-jogador Eusébio (considerado pela FIFA como o melhor jogador português de todos os tempos) sempre tem por perto sua toalha da sorte, que morde nos momentos decisivos dos jogos.

A Lancenet perguntou ao jogador Zico se ele era supersticioso ou se tinha alguma mania dentro dos campos. Zico respondeu:

Não... Sempre fiz o sinal da cruz antes de entrar e só. Ou melhor, tinha uma mania sim. Quando o jogo estava apertado, a bola teimava em não entrar, quando a partida estava paralisada, eu jogava ela dentro do gol, só para provocar os goleiros. Aprendi isso com o Ubirajara e, sabe, dava certo. Levei muito cartão por causa disso, mas também ganhamos muito jogo assim.

O Presidente do Náutico, David Ferreira, em entrevista a Nauticonet, ao ser perguntado se era supersticioso fez a seguinte afirmação:

a minha superstição tem uma razão de ser. Preciso ter o máximo de meio para o jogador ganhar uma partida. Se chegar um jogador para mim e falar que precisamos fazer isso ou aquilo dentro do ramo espiritual ou qualquer outra coisa, eu faço. Estou do lado do jogador.

Outra pergunta feita é se ele já tinha freqüentado um terreiro? A resposta foi a seguinte: “Lógico que freqüentei. Tinha como objetivo dar ao jogador o maior respaldo possível para ele ganhar uma partida”.

As crenças de causalidade diferem das anteriores à medida que colocam dois acontecimentos X e Y em relação de causalidade, de modo. Quando X ocorre, Y também deverá ocorrer: X (ação, gesto, pensamento ou elemento do mundo externo) age sobre Y, tem uma influência sobre Y, ocasiona ou provoca Y (felicidade, dinheiro, desgraça, doença, caráter, destino). Como exemplos podemos citar as descrições a seguir.

Entre os técnicos, existem aqueles que só comandam o seu time vestindo terno. Luxemburgo e Beckembauer são dois exemplos. Mas Telê Santana ganhou tudo com o São Paulo ao vestir sempre a mesma camisa vermelha. O italiano Fabio Capello não veste camisa branca, e o sérvio Radomir Antic repetiu a gravata azul e verde, e conquistou a “dobradinha” Liga

e Copa com o Atlético de Madrid. O argentino Carlos Bilardo ficou conhecido por enterrar alho atrás do gol e ao redor do banco de reservas.

A superstição não era privilégio da direção da Seleção Brasileira na Copa de 1962. Na tribuna de imprensa, depois da vitória inaugural, todos os jornalistas brasileiros eram obrigados a trabalhar com a roupa daquele primeiro jogo. Quem mudasse uma peça sequer era impedido pelos companheiros de entrar nas cabines da imprensa (EMEDÊ, 2003).

O internauta da Spnet mostrou ser supersticioso. O resultado da última enquete mostra que 60% dos são-paulinos que acessam o site acreditam que a camisa comemorativa utilizada por Rogério Ceni pelos 618 jogos no SPFC traz azar para o time. Até o momento, o São Paulo não conseguiu vencer nenhuma partida em que Rogério Ceni utilizou a camisa comemorativa. A partida contra o Internacional foi mais um exemplo disso.

Para efeitos de investigação, a diversidade de listas e estudos disponíveis e a definição de crença supersticiosa pela sua heterodoxia levam a designar genericamente (a) as superstições tradicionais, (b) as crenças no domínio religioso e (c) crenças paracientífica.

As “superstições tradicionais”, cujo fundamento é errôneo, é que não se evita em qualificar por supersticiosas – gatos pretos, trevo de quatro folhas, medalha de São Cristóvão, etc. Esse tipo de crença tem como fonte de dados o pensamento popular e possui os critérios de diferenciação mais bem identificados com a investigação etnográfica corrente. “Antes da seletiva, eu tinha de telefonar para duas tias, na ordem certa. Senão, não dormia”, disse Daniela Polzin, judoca (VEJA, 2004). “Pôr a meia do pé direito, depois a do pé esquerdo. O tênis no pé direito, depois no pé esquerdo, amarrar o pé esquerdo, depois o direito”, disse Gustavo da Silva, jogador de handebol (Idem).

Por via das dúvidas, Gary Neville, jogador da Seleção Inglesa e do Manchester United, não cantava o hino nacional antes das partidas, pois achava que poderia dar azar (EMEDÊ, 2003).

No GP da Alemanha de 2003, Jarno Trulli mostrou um pouco da superstição que acompanha a Fórmula1. Trulli correu com um dente de alho no bolso e explicou que era para dar sorte.

O tenista Roger Federer tem como amuleto o boneco Piu Piu o canarinho do desenho animado.

Já as crenças no domínio religioso possuem como fonte de dados instituições ortodoxas, e os critérios de diferenciação são mais bem identificados do que a investigação sociológica corrente.

Em texto do ex-atleta Bobó, na Folha de São Paulo publicada no dia 12/12/1993, ele contou que o Vitória da Bahia iria enfrentar o Palmeiras com todos os orixás. Esse jogo era válido pela final do Campeonato Brasileiro de 1993.

O goleiro Ricardo da Seleção Portuguesa prometeu ir a pé até a cidade de Fátima para agradecer à Virgem, caso a sua seleção vencesse a Eurocopa. O treinador Luis Felipe Scolari entra em campo com a imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, que, segundo ele, lhe traz sorte. Afirma ainda que Nossa Senhora de Caravaggio não marca gols, mas lhe dá muita tranquilidade (Idem).

O Bahia investiu em atos religiosos e superstições para tentar não cair para a Série C do Campeonato Brasileiro. Pelo menos, essa é a solução encontrada pela Diretoria do Bahia para motivar os jogadores em busca da permanência no Campeonato Brasileiro da Série B. Na manhã de sábado, jogadores, comissão técnica e dirigentes, inclusive os evangélicos,

compareceram à capela do Fazendão para assistir à missa e pedir proteção ao time para se safar do rebaixamento na Série C. Petrônio Barradas, presidente da equipe, justificou a razão da celebração ao dizer que a reflexão, a oração e a fé fazem parte do dia-a-dia do ser humano, na sua incessante busca do apoio espiritual.

As “crenças paracientíficas”, que se mostram controvertidas no seio da comunidade científica, possuem como fonte de dados a própria comunidade científica. Seus critérios de diferenciação são mais bem identificados numa investigação epistemológica.

Em entrevista à Revista Época (2003), o piloto Nelsinho Piquet, que acredita na superstição, afirma: “os campeões brasileiros tinham nomes terminados em N: Ayrton, Nelson, Emerson. Então, minhas chances são boas”.

O piloto Ayrton Senna em novembro de 1987 falou o seguinte para a revista Veja: “Não fumo, não bebo, não sou supersticioso, mas leio horóscopo. Só acredito no que ele diz de bom. No que é ruim, não. No que acredito mesmo é em Deus”.

Na final da Copa de 1958, Brasil e Suécia usavam uniformes iguais. Por isso, houve um sorteio para decidir quem ficaria com o uniforme reserva. O Brasil perdeu o sorteio e deveria usar um uniforme azul, mas as camisas não eram oficiais. Foram compradas em Estocolmo e depois tiveram os números e os escudos bordados. O chefe de delegação, Paulo Machado de Carvalho, não perdeu a pose e disse aos jogadores: “Era isso que eu queria: jogar de azul. Nossa Senhora Aparecida está conosco”. Como o Brasil venceu a final e conquistou seu primeiro título, o azul foi oficializado como uniforme número 2. (EMEDÊ, 2003).

Na final da Liga dos Campeões de 2005 entre Milan da Itália e Liverpool da Inglaterra, diante da coincidência da cor do uniforme das duas equipes (as duas são vermelhas), o Milan tinha prioridade de jogar com a sua tradicional camisa vermelha, preferiu utilizar a camisa branca como forma de superstição, pois das seis vezes que foi campeão europeu, nas últimas quatro o time de Milão utilizou a camisa branca.

O treinador Roberto Cavalo conta com um amuleto especial que vem caracterizando seu figurino à beira do gramado ao longo das 16 partidas que comandou o Avai FC no Campeonato Brasileiro da Série B, tratasse da camisa azul que ele veste nas partidas, geralmente molhada pelo suor, virou uma espécie de amuleto para o comandante avaiano na competição. Para ele não se trata de nenhuma superstição, mas de um apego especial que vem dando certo explicou o treinador.

Bernardinho, então treinador da Seleção Brasileira de Voleibol, revelou em uma entrevista no site da CBV na época em que ainda era jogador gostava da cor azul, mas a cueca tinha de ser branca, hábito que ainda tem até hoje.

Em seu site o goleiro Diego do Fluminense diz que a sua superstição é colocar o uniforme de jogo sempre na mesma ordem.

Marcelo Passos jogador do América de Natal tem como superstição usar a mesma camiseta de dormir e falar com o filho no dia do jogo.

Já o jogador do Fenerbahçe da Turquia Alex ao responder a pergunta se é supersticioso em seu site ele diz: A única coisa que carrego é entrar em campo com o pé direito, e afirma ainda: Não custa nada não é?

Rogério lateral do Fluminense diz que tem como superstição sempre utilizar o pé direito primeiro, tanto par descer da cama, colocar atadura, chuteira, entrar em campo, isto não muda nunca diz ele.

Quatro jogadores do Tongo, da equipe do Zimbabué, foram expulsos por urinarem no campo. Tudo porque justificaram que um curandeiro lhes garantiu que isso traria sorte (EMEDÊ, 2003). Em Camarões, um jogador com a perna quebrada recuperou-se em apenas três dias. Os curandeiros enterraram essa perna e acenderam fogo ao redor dela. Eles também recomendaram massagens com ossos de gorila, enquanto evocavam os espíritos de seus antepassados. A fisioterapia consistia em sair para caçar um porco-espinho. Esse tratamento alternativo foi narrado por Marc-Vivien Foe, meio-de-campo dos Camarões, nas finais da Copa de 1998 (Idem).

Para o cronista Luís Fernando Veríssimo no jornal O Globo diz que cresceu ouvindo dizer que o melhor goleiro do Brasil era o Veludo. Reserva do Castilho no Fluminense e tão bom que também era reserva do Castilho na seleção. Só não era o titular, diziam, porque era negro. Estereótipos racistas sobre agilidade e elasticidade até favoreciam tese inversa, a de que negro é mais confiável do que branco no gol. Mas quando Barbosa deixou passar aquela bola de Ghigia, em 50, o preconceito, até então disfarçado, endureceu e virou superstição.

O guru Robério de Ogum previu em 1989 que o técnico Wanderlei Luxemburgo seria o treinador da seleção brasileira em 1989.

Toledo (2002, p. 110) conta às histórias do técnico Zagallo, conhecido no futebol brasileiro e até mundialmente pela sua superstição com o número 13: “a superstição começou com o roupeiro do Botafogo, o Birruma. Estava parando de jogar e passei a dirigir o time principal do Botafogo. Ele sugeriu que eu usasse a camisa 13. Zagallo, que casou no dia 13 de janeiro, diz: “a minha mulher é devota de Santo Antônio, no dia 13, daí começou tudo”. Outros exemplos de Zagallo com o número 13: casou no dia 13; mora no 13º andar; a

placa dos carros dele terminam em 13; 5+8 de 58, ano que ganhou o primeiro mundial, é igual a 13. O mesmo aconteceu em 1994: Roberto Baggio (o italiano que perdeu o pênalti e que deu o tetracampeonato para o Brasil) tem 13 letras (JORNAL DO BRASIL, 1998).

Em entrevista à revista Isto É, de 16/03/2005, Carlos Alberto Parreira, atual treinador da Seleção Brasileira de Futebol, menciona que é um pouquinho supersticioso. Diz que em todos os jogos da Seleção, a comissão técnica senta do mesmo jeito no banco de reservas, utilizando a mesma ordem, “e a gente nunca muda isso”. Nessa mesma entrevista, ele afirma que também tem algumas “coincidências com o número 7”, pois esse número lhe traz muita sorte. Entretanto, argumenta que isso não quer dizer nada, mas pensa que cria uma motivação, uma força positiva.

O jornal Correio Brasiliense(2001) trás uma matéria sobre a superstição no futebol turco, dizendo que o time Gaziantepspor aboliu a camisa 11 porque dois jogadores se machucaram gravemente quando usavam a camisa 11.

Para viajar ao México, em 1986, a Seleção Italiana exigiu da empresa aérea Alitalia a mesma tripulação que os levara à Espanha quatro anos antes. É que em 1982 a Itália tinha se consagrado campeã (EMEDÊ, 2003).

### **3.1 A formação do mito esportivo e sua relação com a superstição**

Para Campbell (2003, p. 133-134), há uma longa jornada empreendida pelo herói, com inúmeras provações. “As provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói”. Será que está à altura da tarefa? Continua o autor: o herói “será capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Entendo que o esporte, de modo geral, tem esse ritual de provações e coragem, de persistência e resistência, as quais fazem com que o atleta esteja diante de constantes desafios profissionais.

Segundo Rubio (2001, p. 175), os atletas têm uma vida considerada “pelo senso comum como uma sucessão de regalias, fama, sucesso financeiro”, sendo invejados por suas vitórias, suas conquistas. A autora continua dizendo que “esse esforço todo acaba por ser justificado pela necessidade de perfeição. Não basta ser bom, tem que ser o melhor”. Para ela, não se pode esquecer que “a perfeição, mais que uma característica heróica, é uma condição divina” (Idem).

Para Campbell (2002, p. 135), o herói tem um objetivo moral que “é o de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa”.

Voltando ao atleta, recorro novamente a Rubio (2001), que trata das dificuldades que esse profissional enfrenta, desde treinamentos diários, concentrações, viagens, competições, levando-o a um afastamento da família e de sua rotina de vida, o que o torna às vezes excêntrico. Essa excentricidade não pode ser considerada uma doença, mas que se apresenta assim pela falta

de tempo para pequenas coisas, do seu cotidiano e que os remete a uma condição humana especial.

Campbell (2002) entende que existe também outro ponto de vista em relação ao objetivo moral do herói, que é a idéia pela qual esse sacrifício não merecia tal gesto, com base numa outra posição e não anulando o herói intrínseco da proeza praticada.

Há sensações transcendentais normalmente descritas pelos atletas, sobre o misticismo que figura entre os jogadores, tais como bem-estar intenso, paz, desapego, liberdade, controle do imaginário, ação instintiva e entrega, apego ao sobrenatural. Porém, o acaso, assim como o erro, revela um mundo insuspeito e coloca o indivíduo numa relação de forças que não são plenamente compreendidas. É a trajetória de um herói vindo da vida cotidiana para enfrentar uma aventura em campos em que o sobrenatural está presente. Nestes campos, ele encontra forças e obtém vitórias, retornando depois triunfante com o poder de trazer benefícios para o seu semelhante. Campbell (1990) denominou esse acontecimento de rituais de passagem, os quais envolvem o ciclo de separação–iniciação–retorno.

A ginasta Daiane dos Santos ao ganhar a medalha de ouro no mundial de ginástica artística nos Estados Unidos afirmou que teve uma premonição antes da sua competição. "Bela Karolyi (ex-técnico da Romênia) tinha uma superstição de que se achasse uma moeda no chão, as ginastas teriam uma boa competição". No meu caminho para arena encontrei duas moedas, disse Daiane.

Se uso uma chuteira em um jogo e o meu time sai vencedor eu passo a usar esta chuteira até o final do campeonato. Outra coisa é se conseguimos uma vitória, eu repito tudo que fiz durante aquele dia no próximo jogo. Por

exemplo: se não tomei café de manhã na concentração, no outro jogo eu também não tomo café de manhã. Esta afirmação é do atleta Marcelo Rosa em entrevista para o site do clube Náutico de Pernambuco em dezembro de 2005.

O jogador Marciano do Coritiba busca sorte com frases e orações. Confessa que quando passa cinco minutos de jogo do primeiro tempo ele faz uma oração. (2005).

Na véspera do jogo contra o Internacional de Porto Alegre em 2004 o Paraná Clube utilizou paciência, atitude e um pouco de sorte. Vale tudo para “exorcizar” a crise técnica que ronda a equipe, até sal grosso foi espalhado no vestiário numa forma de espantar o “mau olhado”.

Quando era treinador de voleibol Bebeto de Freitas hoje presidente do Botafogo tinha um estoque interminável de superstições. Numa excursão a Europa em 1988, o Brasil perdia para a Holanda quando o técnico pediu tempo. Havia um prego solto na cadeira e sua calça ficou presa. Ficando um enorme buraco só que a partir disto o Brasil virou o resultado e ganhou a partida. Nos jogos seguintes ele continuou usando a mesma calça.

A Federação Internacional de Futebol a Fifa órgão máximo do futebol Mundial coloca em seu site situações que envolve a superstição na hora dos sorteios para os grupos da Copa Do Mundo de Futebol. O treinador da seleção Mexicana de futebol Ricardo La Volpe fez o que pode para assegurar que tudo desse certo na noite do sorteio dos grupos, levando consigo vários rosários e uma bússola para que pudesse sentar em uma posição harmoniosa.

O Brasil participa do maior desafio de vela do mundo e entre os velejadores, não faltam superstições. A data do batismo do barco, por exemplo, 23 de junho, uma quinta-feira, foi escolhida para evitar dias ruins, como segundas e sextas-feiras, e a madrinha do barco, Ingrid Schmidt Graef, mãe de

Torben, foi obrigada a se vestir de branco para quebrar a garrafa de champanhe no casco. Ao passar pelo Equador, é tradição promover um trote entre os velejadores que nunca cruzaram de barco a linha imaginária. O Brasil 1 tem alguns atletas que nunca o fizeram, como os brasileiros André Fonseca e João Signorini.

Para ilustrar, trago mais alguns exemplos. Dos cinco clubes<sup>3</sup> que correram perigo no Campeonato Paulista de Futebol de 2001, quatro deles foram agradecer a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, na cidade de Aparecida, na Via Dutra. O presidente da Matonense, Antonio Aparecido Galli, católico fervoroso, sempre comandou as viagens até Aparecida, uma antes do início e outra no final do campeonato. “A fé é fundamental no futebol”, atesta o dirigente.

Outro que colocou a fé como prioridade foi o técnico do Guarani, Carlos Alberto Silva, que sempre comandou sua romaria até o santuário. Já foi lá antes do Paulistão e retornou após escapar do rebaixamento e se livrar, do que considerou, “o pior momento da sua carreira”, visto que levou o Guarani a ser Campeão Brasileiro de 1978 e quase foi rebaixado neste ano. Poderia virar de herói a vilão.

Mais um fervoroso fiel é o técnico Luiz Carlos Ferreira, da Internacional de Limeira, que disse o seguinte: “A crença alimenta o homem”. Ferreira levou os seus jogadores até Aparecida para agradecer pelos bons resultados no clube.

O presidente do Mogi Mirim, Wilson Fernandes de Barros, também levou todos os jogadores até Aparecida, mas não deixou de lado a superstição. Ele

---

<sup>3</sup> Matonense, Guarani, Internacional de Limeira, Mogi Mirim e Barbarense.

sempre carrega consigo uma nota de 100 dólares na carteira, sendo este o seu amuleto da sorte há quase uma década.

Em entrevista a gazeta esportiva net em novembro de 2002 o treinador Renato Gaúcho diz sempre foi um pouco supersticioso, desde a época de atleta. Na verdade, quase todo jogador tem suas superstições. Eu, por exemplo, não abro mão de subir o último degrau da escada que liga o vestiário ao gramado, além de pisar nele com o pé direito. Não acho que isso possa mudar o resultado de uma partida, mas é importante para mim.

## CAPÍTULO IV

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa não se buscou comprovar o óbvio, ou seja, que a superstição existe e que é elemento de grande significado e importância no esporte.

A superstição, a magia e as religiões estão em franco desenvolvimento entre nós. Desde o seu surgimento até os dias atuais, em que a ciência se transformou em Ciência e Tecnologia, iniciada no período do Iluminismo, ela pretende atingir a superação do mito, da crença e da superstição através do desenvolvimento de conhecimentos com o uso da razão, considerando a lógica da mensuração e objetivação, do domínio da natureza e do próprio homem.

Desde a época do Iluminismo até o final do século XVII procura-se, por conseguinte, conseguir eliminar a superstição por meio da ciência, fazendo-se uso de esclarecimento e de informações, principalmente nos dias de hoje em que mais e mais o mundo está se informatizando. Por que, portanto, podemos falar de um aumento vertiginoso da superstição?

O que se pode constatar é que a ciência, além de não ter uma explicação plausível para o tema da superstição, tenta passar ao largo de sua discussão. Como a ciência possui atualmente primazia sobre a informação e o esclarecimento de tudo o que ocorre, informando e fornecendo instrumentos de como se deve intervir na realidade, é ela a nossa maior superstição, pois devemos acreditar sem conhecer de onde foram retiradas tais informações e como podem garantir que para o ser humano algo há de dar certo? A ciência

não só pouco sabe sobre temas mais sutis inerentes ao ser humano como emoções e consciência não têm instrumentos para sua compreensão. Embora tenhamos de admitir que há setores das ciências hoje que se interessam e muito por uma mudança de paradigma para se aproximar desses temas humanos, foi uma pena que em virtude da falta de tempo e de espaço não tenha sido possível estudar melhores autores que pesquisam esses assuntos, desde a física quântica passando pela biologia por uma nova psicologia e filosofia que estão surgindo.

De acordo com o que nos informa Hopcke (2001), Carl Gustav Jung talvez tenha sido um dos cientistas da área da psicanálise que mais se ocupou cientificamente em estudar temas “não relevantes” para as ciências oficiais e passou a interessar-se por temas como superstição, misticismo e religiões. Para Jung, o mais intrigante é o tema da sincronicidade, que ele mais do que ninguém estudou com profundidade. A sincronicidade diz respeito a coincidências muito significativas para uma pessoa ou grupo de pessoas, mas que não possui causa específica, ou seja, não há uma explicação racional para tal. Podemos dizer que é o mesmo que ocorre quando a superstição dá certo e, como ela vem crescendo muito nos últimos tempos, podemos afirmar que continua dando certo.

Antes de concluir com o pensamento de mais alguns autores sobre esse nebuloso assunto da superstição, considero importante destacar um fato de importância pedagógica acerca do estudo desse assunto, a saber: confirmando-se que a superstição, a crença e a própria cultura religiosa têm uma influência enorme sobre a visão de mundo e, portanto, sobre a convicção das pessoas, como é possível a intervenção, em alguns casos, em nome da ciência? Como é possível convencer uma pessoa que acredita convictamente

que é estando gorda que ela se sente mais feliz de que ela precisa emagrecer por meio de exercício físico e alimentação adequada para não contrair doenças? Inclusive se a ciência impera também no esporte atualmente, e ela não conhece nada ou pelo menos muito pouco sobre emoções e consciência humana, como é possível que ela planeje secções de treinamento igual para todos e sem conhecer essa essência humana que é decisiva para todo agir e pensar humano? Não seria aí um dos motivos para se acreditar mais nas superstições individuais e coletivas, como se pôde perceber neste trabalho?

Alguns autores ainda refletem de forma interessante sobre esta temática.

Uma das descobertas desta pesquisa foi com relação à dificuldade de se definir com mais clareza o que é superstição, considerando-se as diferentes instâncias na vida e em especial no esporte. Para Razente (2001), por exemplo, a definição moderna da superstição é imprecisa e não houve, até o presente momento, nenhuma tentativa bem-sucedida em mais de cem anos de investigação que pudesse estabelecer algum conceito isento de ambigüidade. Em todas as atividades humanas existe uma certa superstição, diz Jahoda (1977 p. 79). Para o autor, “as superstições preenchem certas funções na vida humana” e ele trata a superstição como um atributo fundamental da psique humana.

O folclorista Antonio de Paiva Moura (1988) diz que a superstição tem força em todos os sentidos. O que na Antigüidade era normal tornou-se hoje uma necessidade existencial.

No esporte ela fica mais evidente e mais explícita, mesmo com toda evolução científica na área esportiva. Para Leherpeux (1990, p. 86), a incerteza física e profissional favorece a recorrência à superstição, pois existem

profissões propensas a ela, tais “como desportistas, pilotos, mineiros, atores, pescadores, etc. e que eles têm em comum a experiência cotidiana de risco físico e profissional ou dependência com relação às influências cambiantes da natureza”.

O atleta Diego Hipólito ao ganhar o campeonato mundial de Ginástica na Austrália no ano de 2005, demonstrou o seu lado supersticioso na competição, entrou no tablado pelo lado oposto dos adversários, fez isto, pois nas eliminatórias havia entrado pelo lado dos adversários e errado a sua série.

O velejador Robert Scheidt durante as competições, tem uma companheira inseparável: a superstição. Não compete se estiver sem seu crucifixo e a correntinha que o acompanha. Na Olimpíada de Atlanta-1996, o técnico Cláudio Biekarck teve de usar fio dental, à noite, para fazer um remendo ao utensílio recém-quebrado. Correntinha e crucifixo no pescoço, o brasileiro acabou com a medalha de ouro na competição.

Segundo Bracht (2003, p. 119), “os ídolos são construídos com uma linguagem que subverte o mundo racional à medida que divulga elementos míticos”. O autor afirma ainda que “à vontade dos ídolos torna-se um fator de explicação do mundo (imaginário), pois o gol surge no último minuto e a chuva cai na hora certa, como num passe de mágica”. Outro exemplo apresentado por Bracht (2003) é o da ameaça que o Brasil viveu nas eliminatórias de 1994, quando não se classificou para a Copa do Mundo. A torcida exigia a presença de Romário na seleção, e o técnico à época, Carlos Alberto Parreira, atendeu e convocou o jogador. Depois de conseguida a classificação, o técnico comentou: “Foi Deus quem trouxe Romário. Quando chegou, decidi”. Para Bracht (2003, p. 119), “o que faz com que aconteça é sempre o poder da vontade do ídolo/herói. Ele aparece sempre em condições de influenciar

magicamente os acontecimentos”. Esse sucesso do atleta é um segredo que o torna diferente dos demais homens, pois se a prática do esporte de alto rendimento é fortemente influenciada pela racionalidade científica, sua recepção e consumo situam-se no plano da felicidade no plano do imaginário (BRACHT, 2003, p. 119). Na verdade, a superstição tem que ser melhor estudada e constatada, pois existe pouca literatura sobre esse tema na área do esporte. O que é explorado através da superstição são as evidências, os fatos acontecidos antes, durante e depois dos jogos, mas não existem estudos comprovados através de pressupostos teóricos, tais como da antropologia, da filosofia ou da própria ciência.

Por fim, acredito ter levantado elementos que considero importantes e intrigantes, principalmente, para que novas pesquisas surjam e que mais pesquisadores, especialmente da área, tenham interesse pela temática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX. Disponível em: <[www.alex10.com.br](http://www.alex10.com.br)>. Acesso em: 08 dez. 2005.

ALMEIDA, M. Superstição: deusa sem altar. **Caderno Temático Arte e Cultura Popular**, Rio de Janeiro, Concinnitas, n. 3, ano 3, p. 125, jan. /jun. 2002.

ARANHA, M. L; MARTINS, L. **Filosofando**. São Paulo: Moderna, 1995.

BACON, Francis. Disponível em: <[www.citador.pt](http://www.citador.pt)>. Acesso em: 18 out. 2005.

BAZARIAN, J. **Crítica da concepção teológica do mundo**. São Paulo: Alfa Ômega, 2002.

BLANC, B. As máscaras de Deus. **Revista Vida & Religião**, São Paulo, ano 1, n. 6, p. 29, 2005.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2003.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2003.

\_\_\_\_\_. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 2003.

\_\_\_\_\_. **Isto és tu**. São Paulo: Landy, 2002.

\_\_\_\_\_. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1949.

CHALMERS, A. **A fabricação da ciência**. São Paulo: Unesp, 1996.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CBV. Disponível em: <[www.cbv.com.br](http://www.cbv.com.br)>. Acesso em: 28 out. 2004.

DAMATTA, R. **Relativizando**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DARWIN, C. A descendência do homem. **Revista Veja**, São Paulo n. 1.834, 2003.

DAOLIO, J. (Org). **Futebol, cultura e sociedade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cultura, educação física e futebol.** Campinas: Unicamp, 2003.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos.** Campinas: Papyrus, 2001.

DIEGO. Disponível em: <[www.goleirodiego.com.br](http://www.goleirodiego.com.br)>. Acesso em: 26 dez. 2005.

DUARTE, M. **O guia dos curiosos.** São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

ELIADE, M. **Aspectos do Mito.** Lisboa: Edições 70, 1963.

ELIAS, N. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

EMEDÊ. **Loucuras de futebol.** São Paulo: Panda Books, 2003.

FIFA. Disponível em: <[www.fifaworldcup.yahoo.com](http://www.fifaworldcup.yahoo.com)>. Acesso em 17.jan.2006

FEYERABEND, P. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Editora. 12/12/1993.

FURACAO. Disponível em: <[www.furacao.com](http://www.furacao.com)>. Acesso em 27.ag. 2005

GAZETA ESPORTIVA. Disponível em: <[www.gazetaesportiva.net](http://www.gazetaesportiva.net)>. Acesso em 14.jan.2005

GOLDFARB, A. **O que é história da ciência.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

HISTÓRIAS DA F1. Disponível em: <[www.f1naweb.com.br](http://www.f1naweb.com.br)>. Acesso em: 21 fev. 2005.

HOPCKE, R. **Sincronicidade, ou por que nada é por acaso**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.

HURLEY, Patrick J. A concise introduction to logic. Tradução de Álvaro Nunes. **Ciência e Superstição**, São Paulo p. 588-606, 2000. Disponível em: <[www.filedu.com](http://www.filedu.com)>. Acesso: 28 out. 2005.

JACQ, C. **O mundo mágico do antigo Egito**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

JAHODA, G. **A psicologia da superstição**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

JORNAL A NOTÍCIA, 2004, 11/12/2004.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE, 2001,03/04/2001.

JORNAL DO BRASIL, 1998, 11/12/1998.

JORNAL O GLOBO, 1999,20/07/1999.

JORNAL O LANCE: Disponível em: <[www.lancenet.uol.com.br](http://www.lancenet.uol.com.br)>. Acesso em: 23 jul. 2004.

KLOETZEL, K. **O que é superstição**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LEHERPEUX, F. **A superstição**. São Paulo: Ática, 1990.

LEVINE, R. M. **Esporte e sociedade**: o caso do futebol brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial - Arquivo do Estado, 1982.

LIBÂNIO, J. B. **Fé**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

- MAGNANE, G. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MALINOWSKI, B. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.
- MICELI, P. **O mito do herói nacional**. São Paulo: Contexto, 1988.
- MILÊNIO. Disponível em: <milênio.com.br>. Acesso em: 05 out. 2005.
- MORRIS, D. **A tribo do futebol**. Lisboa: Publicação Europa-América, 1981.
- MOURA, A. P. Superstições. **Boletim da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, n. 12, p. 35-41, 1988.
- NAUTICO FC. Disponível em: <www.nauticonet.uol.com.br>. Acesso em: 28 out. 2005.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- OLIVEIRA, Cristina. Conhecimento científico e senso comum. **Filosofia Virtual**. Disponível em: <www.filosofiavirtual.pro.br>. Acesso em: 16 maio 2004.
- \_\_\_\_\_. O conceito da natureza na ciência. **Filosofia Virtual**. Disponível em: <www.filosofiavirtual.pro.br>. Acesso em: 16 maio 2004.
- PIERUCCI, A. F. **A magia**. São Paulo: Publifolhas, 2001.
- POPPER, K. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, H; MUSGRAVE, A. (Org). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- RAZENTE, N. S. **Psicologia da superstição**. Disponível em: <www.pesquisapsi.com.br>. Acesso em: 23 abr. 2004.
- REVISTA ÉPOCA, edição 137, 11/01/2001.

REVISTA ÉPOCA, edição 282, 13/10/2003.

REVISTA SULSPORT, edição 9,16/01/2006.

REVISTA VEJA, edição especial das olimpíadas, 2004.

RIVIÈRE, C. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ROSSI, P. **O nascimento da ciência moderna na Europa**. Bauru: Edusp, 2001.

\_\_\_\_\_. **Naufrágios sem espectador**: a idéia de progresso. São Paulo: Unesp, 2000.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SANTOS, B. S. **Para uma sociologia das ausências e para uma sociologia das emergências**. Aula Magna da Universidade Federal da Bahia, proferida em 12 de março de 2004.  
SÃO PAULO FC. Disponível em: <[www.saopaulofc.com.br](http://www.saopaulofc.com.br)>. Acesso em: 10 out. 2005.

SAPIROTO, J. Um homem disposto a mudar a ordem vigente. **Revista Grandes Inventores da História**, São Paulo, ano 1, n. 20, p. 4, 2005.

SCHMID, G. A natureza das superstições. **Jornal do Amanhã**. Disponível em: <[www.universus.com.br](http://www.universus.com.br)>. Acesso em: 13 ago. 2005.

SCHMITT, J. C. **Histórias das superstições**. Fórum da História. Portugal: Publicações Europa América, 1988.

SCHWARTZMAN, Simon. A ciência da ciência. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, SBPC, v. 12, n. 11, p. 54-59, mar. /abr., 1984.

SIGRIST, M. Disponível em: <[www.terrasms.com.br](http://www.terrasms.com.br)>. Acesso em: 12 nov. 2005.

SILVA, P. C. da. **Você é supersticioso?** Disponível em: <[www.cacp.org.br](http://www.cacp.org.br)>. Acesso em: 28 maio 2005.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SIQUEIRA, T. Superstições do futebol. **Jangada Brasil**, Ano III-nº35-2001.

SITE TERRA. Disponível em: <[www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)>. Acesso em: 1º jul. 2004.

SITE UOL. Disponível em: <[www.esporte.uol.com.br](http://www.esporte.uol.com.br)>. Acesso em 6 agos. 2005

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.esporte.uol.com.br](http://www.esporte.uol.com.br)>. Acesso em 26 nov. 2005

SPINOZA, B. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Os Pensadores, 3ª edição.

TOLEDO, L. **Lógica no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VEJA ON-LINE. 1987. Disponível em: <[www.abril.com.br](http://www.abril.com.br)>. Acesso em: 28 out. 2005.

## ANEXOS

SEXTA-FEIRA, 9/04/2004

esportes

DIÁRIO CATARINENSE 29

SUPERLIGA Jogadores e comissão técnica revelam seus presságios na véspera do primeiro jogo da final

# As superstições e crendices da Unisul

CLÁUDIA SANZ

Segundo o dicionário Aurélio, a palavra superstição significa uma crença em presságios tirados de fatos puramente fortuitos.

A maioria das pessoas nega que seja supersticioso, mas quem já não guardou um trevinho de quatro folhas na carteira ou repetiu um ritual por considerar que ele deu sorte? Jogadores e comissão técnica da Unisul não são diferentes, negam acreditar em presságios, mas aos poucos vão revelando as suas crendices.

Quando a equipe catarinense embarcar hoje para Canoas (RS), para o primeiro jogo do play-off final da Superliga Masculina de Vôlei - que acontece amanhã às 20h30min, no ginásio da Ulbra - uma coisa já vai estar diferente em relação ao ano passado, quando as duas equipes também se enfrentaram na final e a Ulbra venceu por 3 jogos a 0. Ao invés de ficarem no Hotel Canoas Park, o time da Unisul escolheu a cidade de Novo Hamburgo para se abrigar.

Quem revela é o auxiliar-técnico Marcos Pacheco. "Quando nós vamos para uma cidade e o time perde, da



EM AÇÃO: O líbero Jeff no treino de ontem

próxima não nos hospedamos no mesmo hotel. Esse de Canoas tem cara de Ulbra, então não dá", diz Pacheco, acusando o técnico Carlos Weber como campeão das superstições.

Pacheco conta mais. Para as partidas contra o Minas, pela semifinal, a

Unisul usou o canhoto Zé, da Iltebras, nos treinos, para ajudar na armação da tática contra o atacante André Nascimento, do time mineiro, também canhoto. Deu tão certo que a Unisul venceu os três jogos. Como em time que está ganhando não se mexe, Zé continuou treinando com a equipe para a final contra a Ulbra, embora os gaúchos não tenham nenhum canhoto no grupo.

Pacheco e Weber sempre vão juntos para o ginásio quando o time viaja. Ambos moram em Jurema. Antes de embarcar, cumprem um ritual: tomam café com leite e pão de queijo no mesmo bar. Entre os jogadores o mais comum é não fazer a barba, ou usar a mesma peça de roupa até o final da disputa ou fase. André Heller que o diga, pois nos três jogos da semifinal desfilou, ainda que por baixo do calção, com uma cueca vermelha.

Outro supersticioso de plantão é o reforçador da Unisul, Gerson Joner da Silveira. Na última partida contra o Minas, realizada no sábado passado, ele estava no corredor de entrada quando o time passou à frente no placar. Foi o suficiente para não arrear mais o pé dali até o fim do jogo.

etc

## CINCO JOGOS DA LIGA NO SÁBADO DE ALELUIA

As jogadas da Liga Futsal 2004 não param na Páscoa. Amanhã cinco jogos movimentam a nona rodada da competição. O destaque fica por conta do clássico paulista entre ECB/São Bernardo e São Paulo/Santo André, que será realizado às 14h, no Ginásio Poliesportivo de São Bernardo, em São Bernar-

missão pelo SporTV.

Os demais confrontos serão realizados às 19h: Ulbra x Poker/Maringá; AABB/Umbro x Caldense; Vasco da Gama x Palmeiras; UCS/Moreflex x VEM Minas. O campeonato é liderado pela equipe da Ulbra, com 13 pontos. O JEC/DalPonte está em terceiro e a Malwee/Jaraguá em sexto lugar.

## O Centro Catarinense de Resolução de Conflitos

Promove em FLORIANÓPOLIS o Curso de

### MEDIAÇÃO E ARBITRAGEM

Datas: \* Turma 1 - De 26/04 a 07/05, das 08:30 às 12:30.

\* Turma 2 - De 26/04 a 07/05, das 18:30 às 22:30.

\* Turma 3 - 4 Sábados, dias 08/15/22 e 29/05, das 08:30 às 17:30h.

Informações e inscrições: (48) 222-5975 / 9982-4000 ou por e-mail: mediacao@orturbo.com

Visite nosso site: www.ccrco.com.br

Vagas limitadas

## Superstição: Nem todos escapam na Seleção Brasileira

Não adianta negar. São poucas as pessoas que, alguma vez e por algum motivo, ainda não foram surpreendidas por ela. A superstição faz parte do contexto do dia-a-dia ainda que alguns nem mesmo percebam que ela está ali.

Na Seleção Brasileira masculina de vôlei, que está disputando a Liga Mundial de Vôlei, não é diferente. A primeira reação é quase sempre negativa: "Eu? **Supersticioso?** Imagina!". Mas então não demora muito para que histórias e manias sejam logo reveladas.

Começando pelo comandante da equipe. Bernardinho admite que as superstições já o perseguiram mais. "Tento me livrar delas. Aos poucos, elas vão caindo. Já fui bem mais **supersticioso** do que sou hoje", disse o técnico.

Ele conta que uma de suas cismas era com o número 17. "Na Itália, as jogadoras costumavam dizer que o 17 era o número da pouca sorte. Acabei incorporando isso durante os anos em que fui treinador lá", lembrou Bernardinho, para afirmar em seguida que essa superstição já faz parte do passado. "A camisa do Ricardinho é a 17. Ele entrou na semifinal e na final do Campeonato Mundial e mais sorte do que trouxe impossível", completou o treinador.

Bernardinho também revela a sua preferência por uma cor em especial. "Gosto muito da cor azul, desde os tempos em que era jogador. Mas a cueca tinha que ser branca, hábito que ainda tenho até hoje", confessou.

Outros De

[05/02] - Tin  
durante todo  
[04/02] - Se  
parceria com  
[04/02] - Esc  
contratação  
[03/02] - Mo  
na Copa do E  
[03/02] - Vic  
divisão de re

Publicidade



Ainda se tratando da comissão técnica, o médico do time, Álvaro Chamecki, é outro que também fala com autoridade sobre o assunto. "Tenho um tênis muito velho que já foi campeão do Grand Prix, da Liga Mundial, da Copa América e, agora, campeão mundial. Enquanto ele agüentar, estará comigo em todos os momentos decisivos", afirmou Chamecki. E tem mais. Antes de cada partida importante, ele distribui o mesmo bombom para as mesmas três pessoas. "Nas finais sempre compro um para mim, um para o Tabachn (assistente-técnico) e outro para o Bernardinho. Tem dado certo até agora", revelou.

Alguns jogadores também seguem sempre os mesmos passos antes de pisar em quadra. O atacante Dante, por exemplo, faz o sinal da cruz toda vez que sai do quarto do hotel, quando entra no ginásio e na quadra em dia de jogo. Já Roberto Minuzzi, o caçula do grupo, repete um ritual que começa um dia antes de cada partida.

"Na noite anterior ao jogo, durmo com o meu terço na mão. Além disso, ponho no papel uma pequena oração pedindo para que tudo dê certo. Antes da partida, leio o que escrevi", contou o jogador. Outro que também segue sempre os mesmos gestos é o meio-de-rede Henrique. Durante todo o hino nacional tocado antes do início de um confronto, o jogador fecha e olhos e se concentra pensando na mulher, Úrsula.

Mas nem todos se prendem a esses detalhes. O levantador Ricardinho é um desses "não-supersticiosos" assumidos. "Não acredito em nada disso e faço questão de não seguir os mesmos passos. Só acredito na força de Deus", declarou o jogador.

Crenças e manias à parte, Bernardinho termina deixando claro apenas uma convicção: o segredo está em saber colocar limites.

"**Você** não pode se deixar condicionar por essas questões porque acaba perdendo a concentração nas coisas que realmente são relevantes. O mais importante é focar naquilo que se tem que fazer", destacou o técnico.

*Escrito por:CBV*

O melhor site de esportes do Brasil

OLIMPIADAS 2004 - ATENAS

no mundo da bola  

**Flavio Prado**  
 colunistas

[Índice](#) [outros colunistas](#)

10/06/2004  
**Pecado da soberba**  
 nomundodabola@gazetaesportiva.com.br

São Paulo (SP) - Não sei se **você**, leitor, é **supersticioso**. Eu sou. Talvez, pelo longo tempo convivendo com o pessoal do futebol, que acredita com a mesma intensidade na Medicina e na macumba, o certo é que tem coisas que nunca faço e outras que sempre repito antes de um jogo de futebol, em que esteja torcendo para um dos times.

Técnicos importantes, da mesma forma, não admitem mudanças na rotina dos clubes que dirigem e até usam a mesma roupa em cada partida. Telê Santana, por exemplo, usava uma mesma camisa vermelha em qualquer jogo. O 13 do Zagallo é histórico. Para os jogadores entrar com o pé direito no campo de jogo, ou para os torcedores ouvir o mesmo locutor com o rádio na posição de rotina, fazem parte do dia-a-dia da bola.

É por essa razão que, logo que fui ao Morumbi na quarta-feira para o jogo São Paulo e Once Caldas, torci o nariz. De novo o São Paulo estava fazendo sua 'ilha de caras'. Quando o Roque Cittadini fala isso, os são-paulinos ficam bravos, mas ele tem razão.

Não é de hoje que o São Paulo tem mania de levar pilotos, 'artistas' de big brother, cantores, modelos e o diabo, na hora de decidir campeonatos. E invariavelmente perde. Na quarta-feira, além do barulho infernal, que impedia até uma conversa ao pé d'ouvido, inventaram um Hino Nacional com o grupo Fat Family ignorado pelos 70 mil torcedores, e uma bandeira do Japão no centro do campo, como se a Libertadores já tivesse sido conquistada e o Porto, campeão da Europa, fosse o próximo adversário.

- ▶ OPINIÃO
- ▶ CAMPEONATOS
- ▶ PLACAR
- ▶ JOGO RÁPIDO
- ▶ SEU TIME
  - Corinthians
  - Guarani
  - Palmeiras
  - Ponte Preta
  - Portuguesa
  - Santos
  - São Caetano
  - São Paulo
  - Botafogo
  - Flamengo
  - Fluminense
  - Vasco
  - Atlético-MG
  - Cruzeiro
  - Atlético-PR
  - Coritiba
  - Paraná
  - Grêmio
  - Internacional
  - Juventude
  - Criciúma
  - Figueirense
  - Bahia
  - Vitória
  - Paysandu
  - Fortaleza
  - Goiás
- ▶ PELO BRASIL
  - São Paulo/Interior
  - Sudeste
  - Centro-Oeste
  - Nordeste
  - Norte
  - Sul
- ▶ FUTEBOL
  - Bastidores
  - Campeonatos
  - Copa do Mundo 2002
  - Seleção Brasileira
  - Internacional
- ▶ COLUNISTAS
- ▶ ESPORTE ILUSTRADO
- ▶ GAROTA ESPORTIVA
- ▶ HUMOR
- ▶ Mr. GE
- ▶ PAPEL DE PAREDE
- ▶ SÃO SILVESTRE
- ▶ VOZ DA
- ARQUIBANCA

O Onze Caldas não existia para o pessoal da organização. No final deu no que deu. Zero a zero e decepção de todos. Até o presidente do São Paulo, Marcelo Portugal Gouvêa, resmungou contra esse circo mambembe mal montado, que ele garante, que não tinha conhecimento. Volto à superstição. Será que o time jogou tão mal por causa da palhaçada pré-jogo? Claro que não, se **você** não acreditar nessas coisas. Mas, lógico que sim no mundo das crendices.

Desde 1950, fazer festa antes é sintoma de desgraça para o nosso esporte. E ainda mais que o atual time do São Paulo é apenas sofrível. Além de chamar azar a 'festa', foi um saco. Perturbou todo mundo, não acrescentou nada para a equipe em campo e ainda serviu de motivo para chacota dos adversários que perguntaram, após o empate, onde os são-paulinos iriam enfiar aquela enorme bandeira do Japão.

Vamos ver se mais essa decepção ensina o pessoal do Tricolor. Parem com essas bobagens. A torcida está estimulada o bastante pela Libertadores e não precisa dessas frescuras. Ela só quer ter o direito de torcer em paz, sem aquela barulheira infernal nos ouvidos. Se tinha dado certo até agora não havia motivo para mudanças de comportamento. Isso traz mau agouro. Ou **você** é daqueles que acham que as bruxas não existem ?

#### Anteriores

- 10/06/2004 - Pecado da soberba
- 07/06/2004 - Deixem os boleiros em paz
- 04/06/2004 - Relembrando Brasil e Chile
- 03/06/2004 - Bailando con el Gordo
- 30/05/2004 - Um Corinthians com cara de Corinthians
- 27/05/2004 - Mi Buenos Aires querido
- 21/05/2004 - Jogadores pequenos
- 18/05/2004 - Torcedor, vá a São Caetano
- 11/05/2004 - Onde foi parar o dinheiro?
- 02/05/2004 - Jogadores de condomínio



# ATENAS 2004

Notícias

Esportes

Atletas do Brasil

Atenas

História

Curiosidades

Calendário

Blog da Olimpíada

Imagens

Atenas Agora

## Vaidades bloqueadas

JB ONLINE

Paula Orsini

Comentarista

Hoje, o vôlei masculino brasileiro caminha para a merecida coroação. Entre dores e conquistas, um jogador se destaca pela brilhante trajetória: Nalbert.

### Você sofreu uma cirurgia no ombro esquerdo em abril. Tem sentido alguma diferença no seu jogo?

Nalbert – Tecnicamente falando, não. Intensifiquei bem o trabalho físico **no** último mês para que estivesse 100 % na quadra.

### O grupo demonstra bastante segurança e união. O papel do Bernardinho parece fundamental nesse relacionamento...

– Sem dúvida. Existe uma força enorme **no** grupo, além da pouca vaidade. Sabemos que o benefício pessoal depende do resultado da equipe **no** jogo. Um dos nossos trunfos é o grupo estar sempre à frente do “eu”. E o Bernardo veio exatamente para reforçar essa filosofia de trabalho.

### Diante das conquistas, qual é o horizonte do vôlei de quadra no país?

– O vôlei **no** Brasil é um **esporte** à parte. Conta com toda uma estrutura, patrocínios, enfim, tudo de que precisamos, desde a base. E mostramos resultados disso.

### Me fale um pouco de você, da sua personalidade, dos seus defeitos...

– Sou muito determinado, consciente de onde quero chegar. Sou movido a desafios. Consigo analisar muito melhor meus defeitos do que minhas qualidades porque sou perfeccionista e estou sempre pensando em melhorar. Mas não vou admitir para você meus defeitos.

### Você tem alguma superstição?

– Eu dou três batidinhas **no** chão da quadra para pedir proteção antes da partida e sempre rezo **no** banho mentalizando coisas boas antes de me arrumar para os jogos. Não peço resultados, mas sim que nada de ruim aconteça.

### A rotina dos treinos, durante o ano inteiro, chega a desanimar você, em algum momento?

– A rotina é cansativa, muito dura... Chego a ter apenas um mês de férias por ano, sempre buscando o limite. *Aí, vêm as dores...* O pior de tudo é estar longe de casa. Nos últimos 10 anos, estive jogando na Itália por quatro anos e, **no** Japão, por um. Mas o resultado

# ESPORTE

LINSNET





CLASSIFICADOS
NOTÍCIAS
ESPORTE
FALE CONOSCO

**Página Principal**

**Esporte em Lins**

**Região**

**Brasil**

**Mundo**

**Brasileirão 2005**

**Vôlei**

**Linsnet Classificados**

Login:

Senha:

**Comunidade FPTE**

**ENEM comprova: ETL é a melhor da cidade**

A ETL de Lins obteve a melhor média entre todas as escolas da cidade (públicas e particulares) no Exame Nacional do Ensi...

Data da Notícia: 14/02/2006

## Superstição marca lançamento do uniforme da seleção brasileira

O lançamento do uniforme da seleção brasileira, ontem, contou com o clima de superstição da comissão técnica.

A lona onde ocorreu a exposição foi armada em um dos campos da Escola de Educação Física do Exército, que serviu de preparação para o Brasil antes da conquista do tri, em 70, no México.

Para o coordenador-técnico, Zagallo, foi um bom sinal. "Quando entrei aqui, veio tudo na minha memória. Espero que dê sorte também para o hexa", disse.

Outro detalhe que alegrou Zagallo foi o fato de a camisa ter sido lançada no dia 13 --número de sorte do coordenador-técnico.

Passagens menos gloriosas, porém, foram esquecidas. Além da Copa de 1970, o local foi usado na preparação para os Mundiais de 74 e 78, em que o Brasil fracassou.

Superstição, no entanto, não ocorreu na hora da escolha dos atletas que apresentaram o uniforme --nenhum dos três já atuou pelo time principal.

A camisa amarela foi vestida pelo atacante Rafael Sobis, do Internacional. O argumento usado é de que Sobis foi a revelação do último Campeonato Brasileiro.

O uniforme azul foi apresentado pelo atacante Bruno Mezenga, do Flamengo, que nem titular é do seu time. Já o de goleiro foi mostrado por Renan, também do Internacional.

PUB

14

Un

de

pl

EN

PAF

# Veja Agora

Expediente
Edições Anteriores
Mapa do Site
Fale C

EDITORIAL
POLÍTICA
COLUMNAS
SÃO LUÍS
ENTRETENIMENTO
ESPORTE
GERA

São Luís - quinta-feira, 02 de fevereiro de 2006

**Software Caça Notícias**  
Todas as notícias em tempo real. Totalmente Gratuito. E-FastNews.  
[Anúncios Goooooogle](#)

**Vascoboutique Online**  
Loja Oficial do Vasco da Gama 19 anos em São Januário

[Anuncie neste site](#)

[Home](#) » [Edições Anteriores](#) » [Edição 159](#) » [Esporte](#)

B

## Botafogo tem o melhor começo desde 1997

A-
A+

---

**Data de Publicação:** 26 de janeiro de 2006

[Índice](#) [Texto Anterior](#) [Próximo Texto](#)

**RIO DE JANEIRO** - O Botafogo é considerado o clube que tem a torcida mais supersticiosa do Rio. Se depender de superstição, o Alvinegro tem tudo para ficar com o título da Taça Guanabara. Desde 1997, quando o clube conquistou pela última vez o primeiro turno e também o título Carioca, a equipe não consegue um início de competição tão bom, com três vitórias seguidas.

Naquele ano, o Botafogo ficou com o título da Taça Guanabara de forma invicta e com 100% de aproveitamento. Na final, derrotou o Vasco, por 1 a 0, gol marcado pelo zagueiro Gonçalves.

- A superstição sempre fez parte da história do Botafogo e isso pode ajudar na parte psicológica dos jogadores. O trabalho vem sendo feito da melhor maneira e nosso objetivo sempre foi o título da Taça Guanabara. Estamos no caminho certo - disse o técnico Carlos Roberto.

Este ano, o Botafogo venceu o Friburguense, por 3 a 0, o Madureira, 2 a 1, e o clássico com o Vasco, por 5 a 3.

**Próximo texto:**  
**Esporte** Peralta, do Fla, especialista em clássicos

**Texto Anterior:**  
**Esporte** Honda apresenta novo carro para 2006

**Índice da edição - Edição 159**

CAIU,  
VERTICALIZ



Veja

Edição 159

## Superstição entre jogadores é forte

REDAÇÃO

Oizumi (Gunma)

**Para Fábio Shimabukuro, brigar com a mulher antes do jogo é presságio de que algo vai dar errado**

Para os brasileiros Fábio Hideo Shimabukuro, 32, de Isesaki (Gunma), e Alexandre de Souza, 28, de Oizumi (Gunma), não existem pessoas mais azaradas do que os jogadores de futebol. São também os mais supersticiosos. Fazem de tudo para evitar o mal, se prevenindo de todas as formas. Vale tudo, de rezas antes do jogo, fazer o sinal da cruz, entrar com o pé direito na quadra ou campo e até não brigar com a mulher antes dos jogos.

Entretanto, brigar com a namorada, antes de um jogo, foi o que deixou Shimabukuro hospitalizado por um bom tempo quando jogava no Brasil. Ele acreditava que por estar com a cabeça "quente", acabou se distraindo num lance mais duro. Ele acabou sendo derrubado e torceu o tornozelo gravemente. A sorte foi do seu time, já que a infração foi dentro da área. Pênalti que o companheiro cobrou e deu a vitória para a equipe.

No Japão, já casado, Shimabukuro não largou a bola. Certa vez, ficou irritado com a mulher por causa de problemas banais em casa. Brigou com ela algumas horas antes de jogar futsal com os amigos. O que era para ser uma diversão para aliviar o estresse, acabou em uma nova contusão no tornozelo.

"Nessa última vez estava mais calmo e joguei normalmente, mas, com uma pulga atrás da orelha", relembra. E por via das dúvidas, o que Shimabukuro não faz antes de jogar bola é discutir com a mulher. "Tento agradar ela da melhor forma possível". Ele conta que agradou tanto sua esposa que certa vez seu time foi campeão em um torneio.

Para Alexandre de Souza, entrar com o pé direito e tocar o chão da quadra ou campo com a mão e fazer o sinal-da-cruz é um ritual mais que obrigatório.

## Mais esportes:

[Eme! Eme!](#)

[Acelera Zico...! Mas vai de Nissan ou Toyota?](#)

[Brasil também é penta com troféu na garagem](#)

[Pista de ciclismo abre espaço para brasileiros](#)

[BFC Kowa fatura Copa Varig](#)

[Prime School vence de virada e fica com a taça](#)

## Outras seções:

COMUNIDADE  
BRASILEIRA  
MAIS  
NEGÓCIOS  
CAPA

ONDE COMPRAR O MEU EXEMPLAR?  
LISTA DOS PONTOS DE VENDA

## Uma vertigem

**N**ão me lembro de ter visto, ultimamente, um campeonato assim, tão excitante. Já lá se foram centenas de partidas e não há, nem houve, uma só, em qualquer campo que não implicasse uma dose de risco pra qualquer das equipes. É de tirar o chapéu pro valor dos times e também pra quem fez a fórmula de disputa. O campeonato tem sido um frêmito só, o tempo todo. Tanto na turma de cima, como na de baixo, como na do meio. Estamos a duas rodadas das quartas-de-final e, na ponta do lápis, só há uma equipe, vagando **no** limbo, que é o Atlético-PR. Solitário na tabela. Me lembro o anacoluto boiando numa frase. Pro atual campeão brasileiro, tanto faz ir pra frente como ir pra trás. De sua posição pra cima, contam-se nada menos de treze equipes engalfinhadas por um lugar na ceia dos oito finalistas. Os já eleitos, inclusive, também têm valiosas regalias a conquistar.

### Bruxo ou amuleto?

Carlos Alberto Torres virou milagreiro do futebol carioca. Misto de sacerdote, mago e amuleto. Ninguém contesta que seja bom técnico. Mas, tudo faz crer tenha sido chamado pelo Botafogo, por **superstição**. Certa vez, ele salvou do rebaixamento o Botafogo; depois, salvaria o Flamengo, quase vítima do mesmo desterro. Agora, outra vez, o Botafogo se socorre do "Capita". Mais que técnico, foi chamado como bruxo. A seus fluidos se atribui a vitória, impensável, contra o Corinthians. Como nunca teve tempo pra falar de tática com o time, Carlos Alberto Torres só pode ter operado, mesmo, **no** misterioso universo da **superstição**. No futebol, a **superstição** é uma espécie de sub-religião em cujo evangelho há muito de medo, muito de esperança e muito mais ainda de fantasia.

### AN Manchetes

Insira seu e-mail:

e seu nome:

OK

### Busca em A Notícia

Para busca exata digite frase entre aspas

20 reg Em A Notícia Edições 2005 | 2004 | 2003 | 2002 |  
2001 | 2000 | 1999 | 1998 | 1997

### AN Classificados

Publique **OU** Consulte

VEÍCULOS

IMÓVEIS

EMPREGOS

INFORMÁTICA

TECNOLOGIA

FINANÇAS

#### Info

[Índice](#)[Expediente](#)[Institucional](#)

#### AN Capital

[Capa](#)[Geral](#)[Última Página](#)[Fala Mané](#)[Ricardinho](#)[Machado](#)

#### AN Jaraguá

[Capa](#)[Opinião](#)[Política](#)[Geral](#)[Esporte](#)



#### Menu

[Artigos](#)  
[Sugerir Artigo](#)  
[Enviar](#)  
[Resultado](#)  
[Sondagens](#)  
[Pesquisar](#)  
[Ajuda](#)  
[Chat](#)

#### Secções

[Início](#)  
[Porto](#)  
[Sporting](#)  
[Benfica](#)  
[1ª Liga](#)  
[Euro 2004](#)  
[Internacional](#)  
[Resultados](#)  
[Diversos](#)  
[Crónicas](#)

#### Futebol e superstições

Editado por **Susana Valente**, Terça, 10 de Janeiro de 2006 às 22:05

**Chess** diz: *"uns vestem a roupa interior ao contrário, outros beijam fotos de família; uns entram em campo forçosamente com o pé direito, outros benzem-se... As superstições são bastante comuns no meio futebolístico e há um nº infindável de rituais que os atletas cumprem antes e durante um desafio de modo a que a sorte não deixe de os acompanhar. Moretto é um destes ex's, entrando sempre em campo com o pé direito e, colocado em cima da linha, eleva as mãos ao céu colocando-as depois em cruz e proferindo uma oração, como quem abençoa a baliza... Será por isso que este guarda-redes é o menos batido do campeonato? Até que ponto as superstições influenciam o que se passa dentro das quatro linhas?"*



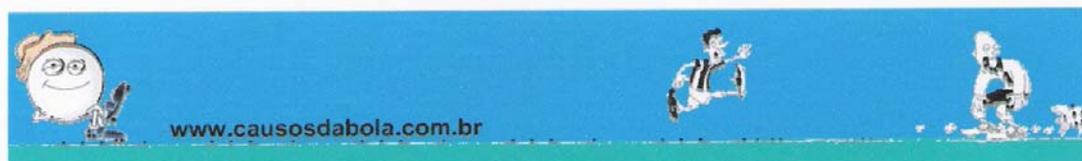
#### Publicidade



#### Noticias

Quarta, 11 de Janeiro de 2006

- Treinador diz que Majorca já tem acordo com Beto (4)
- Real Madrid quer Cole para substituir Roberto Carlos (7)
- Lagos quer ajudar Estoril, mas ainda não sabe como (4)
- Benfica rescinde com Bruno Aguiar (10)



[Início](#)

[Histórias do Futebol](#)

[Charges](#)

[Galeria](#)

[Fale com o Autor](#)

#### Histórias do Futebol:

##### Futebol, superstição e religiosidade



Suécia, 1958. Após uma campanha brilhante, o Brasil chegou à decisão da 6ª Copa do Mundo com Ninguém podia imaginar que a aplicada seleção sueca poderia fazer frente ao futebol arte de Didi, que vinha encantando o mundo. Ainda mais após a exibição de gala nas semifinais, quando tinha a poderosa seleção da França.

Entretanto, a dois dias da final, os organizadores tinham um grande problema a resolver: as duas seleções tinham o uniforme amarelo. Normalmente, seguindo as regras do cavalheirismo esportivo, era comum que como gentileza, permitissem que os visitantes utilizassem o seu uniforme oficial. Mas os dirigentes suecos não o fizeram, e a solução alternativa para o impasse, marcou um sorteio para decidir quem teria que utilizar camisas de outra cor.

O Brasil, em protesto, não enviou representante para acompanhar. E não deu outra. Perdeu o sorteio, que muitos acreditam ter sido manipulado. Não poderia, então, jogar com a sua tradicional camisa amarela.

Pior: o branco era o único uniforme disponível que se encontrava em boas condições para disputar a finalíssima. Supersticiosos jogadores logo lembraram do desastre de 1950, no qual o Brasil, grande favorito e jogando de branco, inexplicavelmente, perdeu para o Uruguai, em pleno Maracanã.

Diante do clima de preocupação que tomou conta de todos, Paulo Machado de Carvalho, o chefe da delegação, resolveu apelar para a superstição e religiosidade dos brasileiros: a seleção disputaria a final da copa com a camisa azul, cor do manto de Nossa Senhora.

E mais, ainda lembrou aos jogadores que, nas últimas cinco copas, quatro delas foram vencidas por seleções que utilizaram o uniforme lembrando-se dos feitos da "Azurra" Italiana em 1934 e 1938 e da "Celeste" Uruguia em 1930 e 1950.

Um uniforme azul foi, então, comprado às pressas em uma loja de artigos esportivos. Mário Américo, o massagista, e Assis, o costureiro, passaram o sábado, véspera do jogo, costurando os números e os escudos retirados das camisas amarelas.

No domingo, dia da grande final, os nossos craques, livres da "maldição" da camisa branca e protegidos pelo manto sagrado de Nossa Senhora, fizeram prevalecer a sua classe e, ao vencerem a Suécia por 5 x 2, conquistaram a primeira copa do mundo para o nosso país.

Seleção brasileira, campeã mundial em 1958, na Suécia. [Clique na foto](#)

Em pé: Djalma Santos, Zito, Belini, Nilton Santos, Orlando e Gilmar.

Agachados: Garrincha, Didi, Pelé, Vavá e Zagalo.

Victor Kingma - 13/06/2005

Direitos reservados. Proibida a reprodução sem a autorização do autor.

terra  CANAIS  SERVIÇOS     

> Esportes > **Futebol** > Estaduais 2006 > **Baiano**

**magazineluiza.com**

---

**Futebol**

- Estaduais 2006
- Últimas notícias
- Fotos
- Vídeos
- Baiano**
- Capixaba
- Catarinense
- Cearense
- Gaúcho
- Goiano
- Mato-Grossense
- Mineiro
- Paranaense
- Paulista
- Pernambucano
- Rio de Janeiro

**Edições anteriores**

Escolha o ano

- Esportes
- Últimas notícias

---

**Baiano**

Sexta, 3 de fevereiro de 2006, 13h06

## Técnico do Vitória recorre à superstição

Heliana Lima  
Especial para o Terra

O técnico Arturzinho recorreu à **superstição** para vetar um treinamento esta tarde na Fonte Nova, visando ao clássico de domingo, contra o Bahia, pelo Campeonato Estadual.

"Sou meio supersticioso e uma das vezes que perdi para o Bahia foi treinando na sexta-feira na Fonte Nova. Não quero mais passar por isso, até porque a Fonte Nova não tem nada que o atleta de **futebol** não conheça", disse.

"Gramado bom, estádio com dimensões ótimas, capacidade de público excelente e tomara que encha. O que temos que fazer é jogar **futebol** e jogando, **futebol**, seja **no** Maracanã, Pacaembu ou na Fonte Nova, a tendência é que consiga o resultado", completou o técnico, que comanda a única equipe invicta até agora **no** Campeonato Baiano.

Aliás, o time não perde pelo Estadual há um ano. Mesmo antes do coletivo, programação para esta tarde **no** Barradão, o treinador já definiu o time rubro-negro para a partida.

---

**Últimas de Baiano**

- » Bahia e Vitória empatam **no** clássico
- » Bahia tenta evitar ida de atacante para a China
- » Técnico do Vitória recorre à **superstição**
- » Vitória completa dois anos sem perder **no** Baiano
- » **Todas as notícias de Baiano**
- » **Todas as notícias de Vitória**

---

**Busca**

Faça sua pesquisa na Internet:



**BOTAFOGO**  
DE FUTEBOL E REGATAS  
WEBSITE OFICIAL

NOTÍCIAS

usuário:   
senha:

[Esqueci minha senha](#)



Preço  
Cadei  
Dúvid  
Regul

### Goleiro Max recebe visita especial



A **superstição** é uma marca registrada de todos os botafoguenses e com o goleiro Max não é diferente. Sua esposa Marilda, com que é casado há cinco anos, teve de trazer o pequeno Felipe para assistir ao treino e o levará para a final. Mas tudo isso tem uma explicação.

"Max me obrigou a trazer o nosso filho. No treino antes do clássico com o Vasco eu trouxe e ele deu sorte. Daí hoje tive de trazer novamente senão o Max me matava", brincou Marilda.

FOGÃO



EMAIL DO FOGÃO

e-mail: @botafogonoc  
senha:

[Clique aqui para ter um e-mail](#)

Esta é a versão em cache de <http://www.ipcdigital.com/portugues/esporte/604/index2.shtml> no **Google** obtida em 20 fev. 2005 19:41:35 GMT.  
 O cache do **Google** é o instantâneo que tiramos da página quando pesquisamos na Web.  
 A página pode ter mudado desde a última vez. [Clique aqui para ver a página atual sem destaques.](#)  
 Esta página armazenada pode estar fazendo referência a imagens que não mais estão disponíveis. [Clique aqui para ver o texto em cache somente.](#)  
 Para criar um link para esta página ou armazenar referência a ela, use: [http://www.google.com/search?q=cache:Ffd\\_LifzaywJ:www.ipcdigital.com/portugues/esporte/604/index2.shtml+superst1%3%A7%3%A3e+no+futebol&hl=pt-BR&gl=br&ct=clink&cd=84&lr=lang\\_pt](http://www.google.com/search?q=cache:Ffd_LifzaywJ:www.ipcdigital.com/portugues/esporte/604/index2.shtml+superst1%3%A7%3%A3e+no+futebol&hl=pt-BR&gl=br&ct=clink&cd=84&lr=lang_pt)

*O Google não é associado aos autores desta página nem é responsável por seu conteúdo.*

Os seguintes termos de pesquisa foram destacados: **superstição no futebol**

## ESPORTES

Edição 604 - 19/04/2003

### Deus e o Diabo na terra do futebol

OSNY ARASHIRO

Tokyo

Macumba, 13, reza brava, santas - vale tudo no esporte mais popular do mundo

**futebol** há muito não depende mais dos craques, do bom goleiro, tampouco do técnico que por vezes é chamado de burro. Não depende nem de patrocinador. Sim, o **futebol** é mesmo decidido por estranhas forças. O jogador parece ter uma conversinha com Deus. Outros até com o demônio. Alguns técnicos apelam para os santos dos últimos dias, para os espíritos, tudo para combater a "**superstição**". Há pouco mais de uma semana, o técnico do Santos, Emerson Leão, vetou o meia Robinho de usar chuteiras cor de laranja. O treinador disse que era para o bem do próprio jogador. Na opinião de Leão, Robinho ainda não está preparado para uma situação dessas. "Se ele errar dois gols usando chuteira laranja diante de 25 mil pessoas na Vila Belmiro, vão dizer que ele está mascarado, está metido, e o Robinho não está suficientemente maduro para comprar certas brigas."

Os jogadores gostam de eleger com especial cuidado a cor de suas chuteiras. E se não as calçam, se sentem nus para a grande partida. O espanhol Fernando Morientes usa vermelho, Ronaldo joga com a prateada da Nike, Rivaldo gosta da sua Mizuno branca. Não usando a chuteira predileta e a equipe sofrer derrota, tudo fica por culpa da **superstição**.

Para muitos jogadores, a **superstição** sim é o

### Mais esportes:

[Kartista brasileiro em Motegi](#)

[Campeão quer mais medalhas](#)

[Por um ponto, Kurihara vence Sunshine Cup](#)

### Outras seções:

[COMUNIDADE BRASILEIRA MAIS NEGÓCIOS CAPA](#)

[QUERO COMPRAR O MEU EXEMPLAR? LISTA DOS PONTOS DE VENDA](#)

maior adversário em campo, enquanto o ritual e a crença são o maior aliado.

Repararam que o Ronaldo "Fenômeno" entra sempre com o pé direito **no** gramado? Crença essa praticada por incontáveis números de jogadores, desde o lateral Roberto Carlos como também o atacante do Olympique de Lyon, Sonny Anderson, ex-jogador do Barcelona, Vasco e Guarani.

Os brasileiros se caracterizam por ter costumes curiosos antes de disputar uma partida.

Enquanto alguns deixam velas **no** vestiário, outros colocam as suas santas num pedestal de mármore.

Entre os técnicos, existem aqueles que só comandam vestindo terno. Luxemburgo e Beckenbauer são os dois exemplos. Mas o aposentado Telê Santana ganhou tudo com o São Paulo ao vestir sempre a mesma camisa vermelha. O italiano Fabio Capello não veste camisa branca e o sérvio Radomir Antic repetiu a gravata azul e verde e conquistou a "dobradinha" Liga e Copa com o Atlético de Madrid. O argentino Carlos Bilardo deve ter assistido a muito filme do Conde Drácula, pois ficou conhecido por enterrar alho atrás do gol e ao redor do banco de reservas.

Nosso maior colecionador de Mundiais, o atual consultor-técnico da seleção brasileira, Mario Zagallo, é também nosso maior supersticioso. Quem nunca ouviu falar da sua sina com o número 13? Sempre que possível, tira documentação dos seus carros na capital do Espírito Santo só para ter escrito na chapa a cidade Vitória. Vitorioso Zagallo é. E faz questão de lembrar que a palavra "tetracampeões" tem 13 letras.

Um exemplo de como o 13 acompanha Zagallo aconteceu **no** seu jogo de despedida da seleção brasileira, **no** amistoso contra a Coreia do Sul, dia 20 de novembro de 2002, em Seul. Os coreanos se avantajaram **no** placar em duas ocasiões. Quando o placar estava 2 a 2, Zagallo substituiu Cafu por Belletti, que entrou com a camisa número 13. Logo em seguida, Amoroso foi derrubado na área e Ronaldinho Gaúcho converteu aos 47 minutos o pênalti da vitória dos pentacampeões **no** sufoco por 3 a 2. Por pouco o Brasil não perde aquele jogo-festa. Com a seleção brasileira, Zagallo havia perdido 12 partidas. Seria portanto a 13ª derrota do Velho Lobo, o 13 que ele não queria jamais.

As coincidências não pararam por ali: esse amistoso foi o jogo de número 238 do Zagallo, seja como jogador, técnico ou coordenador. O Lobo Jorge deve ter feito a conta, pois olhem a soma desses números: 13.

Luis Felipe Scolari, o comandante do pentacampeonato e atual técnico da seleção de Portugal, põe fé na Nossa Senhora do



Caravaggio e no seu número da sorte: 17, pois seu nome completo conta com igual quantidade de letras. Por isso, durante a Copa do Mundo 2002, elegeu Denilson – o dono da 17 – como seu jogador talismã. Denilson, por sua vez, é religioso, lê o Salmo 91 para pedir proteção. Muitos países africanos abusam da magia do vudu, ou melhor, feiticeiro. Isso mesmo, feiticeiro. Mas a Confederação Africana de **Futebol** proibiu em 2002 a "convocação" desses "bruxos", para não mostrar uma imagem "terceiromundista" durante a Copa do Mundo. Para desenterrar o conhecido "sapo com a boca costurada" vale qualquer esforço. Muito embora o conhecido Neném Prancha (ex-roupeiro do Botafogo, ex-técnico de **futebol** de praia e considerado o maior filósofo da bola) tivesse criado a célebre frase para o clássico Ba-Vi, Bahia e Vitória: "Se macumba ganhasse jogo, o Campeonato Baiano terminava empatado." Pelo jeito, a melhor dupla de ataque é mesmo Deus e o diabo.

para apontar o campeão. Pela Copa desfilarão craques como os brasileiros Rivaldo Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho, o francês Zidane, os argentinos Verón e Batistuta e os ingleses Beckham e Michael Owen, entre outros. Para o torcedor brasileiro, o Mundial na Ásia vai significar uma mudança de hábito: terá de se acostumar a assistir jogos de madrugada ou no início da manhã. Os brasileiros farão parte de um contingente estimado em 41 bilhões de espectadores que acompanharão a Copa pela TV no mundo.

A organização conjunta da Copa obrigou Coréia e Japão a, pelo menos momentaneamente, deixarem de lado uma rivalidade histórica. Mas o Mundial acontece sob uma preocupação sem precedentes com a segurança, sobretudo após os atentados terroristas aos Estados Unidos. Cerca de 50 mil pessoas, entre policiais e agentes especiais, irão garantir a segurança de competidores e torcedores.

A festa de abertura da Copa do Mundo de 2002, a partir das 7 horas (horário de Brasília), terá duração de aproximadamente 40 minutos. Nela os organizadores vão procurar passar uma mensagem de paz para o mundo, segundo informa o programa do evento.

Os últimos retoques no Estádio do Mundial, em Seul, já foram dados na manhã de ontem e tudo está pronto para a festa. Os 63.961 espectadores que acompanharão o evento no local poderão ver aquilo que os sul-coreanos estão chamando da maior festa de todas já vistas numa Copa. A cidade de Seul já tem experiência neste tipo de evento, já que em 1988 foi a sede dos Jogos Olímpicos. O espetáculo, que receberá o nome de "Desde o Oriente", será dividido em

de Maradona recebeu 18.062 votos. Em segundo lugar, com 10.631 votos, ficou o gol do inglês Michael Owen contra os argentinos, na Copa de 98, na França. O primeiro gol de Pelé contra a Suécia, na final da Copa de 58, em Estocolmo, ficou em terceiro, com 9.880 votos.

### Superstição também pode fazer a diferença na Copa

#### Beijo na careca de Barthez era o fetiche de sorte da França

Seul, Coréia do Sul - Técnica, tática, vigor físico, entrosamento, craques e sorte. Essa é a receita básica para um time alcançar vitórias. Ainda assim, há quem acredite que só isso não basta e as **superstições** acabam tendo papel importante no futebol.

Orações, gestos, amuletos e fetiches estão presentes na maioria das seleções que disputam a Copa.

A França, por exemplo, tinha um truque que deu certo há quatro anos. Durante o Mundial de 1998, Laurent Blanc beijava a careca do goleiro Fabien Barthez antes de cada partida. Repetiu o gesto em campo em seis dos sete jogos disputados. Blanc encerrou a carreira e o gesto-amuleto dos "Bleus" não poderá se repetir desta vez, a menos que outro jogador se disponha a dar um beijo em Barthez.

O atacante senegalês El Hadj Diúf, que perdeu um pênalti na final da Copa da África

quatro partes: "Bem-Vindos", "Comunicação", "Compartilhar e harmonizar" e "Paz e Repartir". A cerimônia começará com a entrada dos representantes dos 32 países participantes. Em seguida serão tocados os hinos dos países anfitriões. Por fim acontece o discurso de autoridades japonesas, do presidente da Fifa, Joseph Blatter, e do presidente da Coreia do Sul, Kim Dae-Jung, que vai abrir oficialmente a competição.

- O SporTV mostra a cerimônia de abertura a partir das 7 horas

## Escrita prevê jogo ruim

Se valer a escrita, França e Senegal têm tudo para fazer um aborrecido jogo de abertura da Copa do Mundo Coreia/Japão nesta sexta. Acontece que, a partir de 1974, quando a Fifa designou que caberia ao campeão da Copa anterior abrir o certame, todos os resultados foram ínfimos e os jogos, modorrentos. A primeira partida em que um campeão da Copa anterior abriu a competição seguinte aconteceu na Alemanha, em 1974. Brasil e Iugoslávia entraram em campo para um chato 0 a 0. O Brasil era tricampeão do mundo e uma expectativa grande recaía sobre a Seleção. Esperava-se um grande desempenho, que não aconteceu. Na Argentina, em 1978, Alemanha e Polônia foram para campo **no** que se esperava fosse a reedição de um dos grandes clássicos do futebol europeu, com gols em profusão. Novamente, um 0 a 0 arrastado. Em 1982, na Espanha, a Argentina de Maradona acabou surpreendida pela Bélgica e perdeu por 1 a 0.

contra Camarões, não hesitou em viajar até Dacar para que seu "bruxo" lhe desse um remédio contra o mau-olhado. O senegalês tinha razão, já que seu erro acabou sendo atribuído a forças sobrenaturais por um feitiçeiro camaronês, que não teve dúvidas em apresentar ao ministro de Esportes de seu país uma fatura equivalente a US\$ 38 mil por "serviços prestados".

As **superstições** são normais entre os técnicos das seleções brasileiras. Zagallo era um grande admirador do número 13, enquanto Wanderlei Luxemburgo consultava sempre um pai-de-santo e Felipão tem preferência pelos números 7 e 17 e é devoto de Nossa Senhora do Caravaggio.

## Beckham quer esquecer diferença com Simeone

Tsuna, Japão - O meia-atacante inglês David Beckham não pensa em se vingar do argentino Diego Simeone, na partida entre Inglaterra e Argentina pela segunda rodada do Grupo F da Copa de 2002. **No** Mundial de 98, na França, Simeone foi o responsável pela expulsão de Beckham, ao provocá-lo durante boa parte do jogo. A Argentina venceu e eliminou os ingleses, que elegeram Beckham o grande vilão nacional.

**Scheiben  
Doktor**

Ihr Auto-Glas-Profi  
www.scheiben-doktor.de

7010200102

Neue Presse

**Sport**

Sonnabend, 17. Mai 2003

**ANSTOSS**



**Was  
Trainer  
tragen**

VON SVEN HOLLE

**J**ackenlos im Winterwind, schalbeschützt in der Frühlingssonne – so ganz können wir die Bundesliga-Kleiderordnung des Ewald Lienen nicht verstehen. Wollen wir aber auch gar nicht.

Denn spätestens heute beim Schlusspfiff, so um 17.17 Uhr, hat der Gladbach-Trainer einen viel zu dicken Hals für sein graues Flanell. 96 hat gewonnen, und Lienens Schal-Zauber wirkt längst abgestanden. So haben wir uns das jedenfalls gewünscht und dann auch niedergeschrieben auf dem kleinen Zettel, der seit gestern Abend unter unserem Kopfkissen liegt ...

Aber im Ernst: Wenn schon über Sinn und Unsinn von Motivations- oder Inspirationsmittelchen gemutmaßt wird, dann steht „Trainer-Bekleidung“ ja wohl ganz, ganz unten auf der Wirksamkeitsliste. Oder laufen die Gladbacher Profis tatsächlich seit fünf Spielen noch ein bisschen mehr, weil ihr Schal-Trainer an der Seitenlinie quasi für sie als Vorbild schwitzt? Oder schenkt der Fußballgott der Borussia gar ein paar Pünktchen, weil er Mitleid mit deren offensichtlich schwer halserkranktem Übungsleiter hat? Nein und nochmals nein.

Nur wenn Schal-Ewald seine Gladbacher trotzdem heute zum Sieg in der AWD-Arena aberglaubt, dann hätten wir ein Problem. Weil doch irgendwie irgendwas dran sein muss am Flanell-Firlefanz. Und weil 96 wieder zittern und unbedingt gewinnen muss in einer Woche auf der Bielefelder Alm ...

Ganz klar, dort lautet der Dresscode für Ralf Rangnick dann: blaues Hemd (Lienen), Klavier-Krawatte (Toppmöller), blauer Pullover (Lattek), gelbes Sakko (Pagelsdorf) und natürlich grauer Schal ...



### Der Fan-Schal

ettel-Ewald war schon einmal Schalträger, Anfang 2002, in Kölner Erstligazeiten, versuchte er es mit einem bunten Voll-Streifen aus dem Fan-Shop. Vergeblich, jenen wurde entlassen, und Köln stieg ab.

### Der Flanell-Schal

Ewald Lienen und sein Glücksbringer: Mit dem grauen Schal um den Trainer-Hals hat Gladbach noch nicht verloren, in fünf Spielen gab es zuletzt neun Punkte. Egal, wie das Wetter wird: Auch heute in der AWD-Arena will Lienen wieder so auflaufen.

### Das blaue Hemd

Als Zweitligatrainer in Köln glaubte Lienen an die Glückskraft des blauen Oberhemdes. Auch im Winter stiegen die Temperaturen um den Gefrierpunkt. Um Ende der Saison 1999/2000 stieg es tatsächlich auf.

[◀ índice](#)[◀ outros colunistas](#)

09/02/2006

## As bruxas existem mesmo

[nomundodabola@gazetaesportiva.com.br](mailto:nomundodabola@gazetaesportiva.com.br)

São Paulo (Sp) - O **misticismo** e o **futebol** sempre andaram juntos. Há coisas que não têm explicação, mas sempre acontecem. Por exemplo essas vitórias do São Caetano contra o Corinthians. Não se consegue explicar como o São Caetano em 16 jogos, entre eles, ganhou 10. O Corinthians é badalado, rico, arrasta multidões, no entanto tropeça, quase sempre, contra o humilde time do ABC. E na derrota de 2 a 1 pela oitava rodada do Campeonato Paulista, tomou um gol em cima da hora de um garotinho com todo perfil de corintiano.

Migrante, lutador, sonhando em vencer na cidade grande, Leandro Lima veio do interior do Ceará para fazer um teste em São Caetano há um ano e está por aí, agradando, especialmente depois do gol maravilhoso que conseguiu aos 49 minutos do segundo tempo. Ele fez a escrita ser mantida. Foi sua estréia no São Caetano e por certo os corintianos não esquecerão dele tão cedo. De repente até poderá aparecer um convite, lá na frente, para que ele venha jogar num time grande.

Antes era assim com o Juventus: Virava e mexia e o pequeno Juventus derrotava os mais variados Corinthians, fortes ou fracos, com gols raros. São os tabus, as histórias que se repetem e alimentam as crendices populares. E ninguém mais do que o Corinthians e sua torcida, aceitam isso como verdade, mesmo que custem alguns gols incríveis como do, até então, desconhecido cearense, Leandro Lima.



Fernando Nogueira, mais conhecido como o Bruxo de Fafe, organiza amanhã uma procissão até ao calvário do Sameiro, na qual carregará consigo uma cruz, com cerca de 2 metros, englobando fotografias dos jogadores do Guimarães, que serão defumadas a cada 5 kms. O objectivo é, segundo o próprio, "afastar os maus olhados" que estão na origem da má campanha do **Vitória de Guimarães** no campeonato.

Do paranormal para o religioso, resta dizer que a selecção de sacerdotes portugueses terminou ontem a prova "Champions Clerum" de futsal no quarto posto. No torneio realizado em Zagreb, na Croácia, alinharam 12 equipas e a formação portuguesa falhou o acesso à final ao perder por 0-2 com a Polónia. No encerramento voltou a perder, no jogo para a atribuição do terceiro lugar, por 0-1, frente à Bósnia-Herzegovina. Os padres da Croácia foram os vencedores, mas a revalidação do seu título deu-se apenas no desempate por grandes penalidades, diante dos polacos.

**DECISÃO ESOTÉRICA****ROBÉRIO DE OGUM**

“O Corinthians tem, sim, condição de vencer o Grêmio hoje. E acredito na vitória. Mas será que as providências foram tomadas para que ela aconteça? Eu acho que não. Domingo passado, no programa Mesa Redonda, do Avalone, perguntei ao presidente Alberto Dualib se eles haviam contratado o técnico Espinosa devido à paz de espírito que ele transmite. O presidente me respondeu que sim. O time precisava mesmo de paz, não só de garra. O Espinosa é um

técnico campeão, mas também forte e de muita luz, que transmite muito carinho. E os jogadores necessitavam de alguém que cuidasse disso. Se o novo técnico mexeu com esse lado deles, vai dar certo. Agora, se me perguntarem se o Corinthians vai ganhar de 3, 4 ou 5, vou responder que isso dependerá de terem durante o jogo a paz de espírito de que precisam. Caso contrário, o Grêmio estará classificado”.

**VALDYR ESPINOSA**

Por conselho de um numerólogo, o técnico Valdir Espinosa trocou o l pelo y de seu primeiro nome (Valdyr). “Acho que deu sorte a numerologia”, disse. Mas não soube explicar porque decidiu aderir a numerologia (estudo da significação oculta dos números e a influência deles no caráter e destino das pessoas). “Mania a gente tem não sabe bem porque. Mas como com a sorte não se brinca, tratem de escrever meu nome com y”, disse aos jornalistas.



veja Edição Especial | agosto de 2004

# OLIMPIADAS

- ◇ ÍNDICE
- ◇ CARTA AO LEITOR
- ◇ O que devemos aos gregos
- ◇ ARTIGO: Bernardinho - Uma equipe vencedora
- ◇ VEJA on-line: Olimpíadas em CD, web e revista
- ◇ O Brasil em Atenas
- ◇ O que você pode aprender com os atletas olímpicos
- ◇ Nada é impossível
- ◇ Agarre suas chances
- ◇ Fé ajuda
- ◇ Ninguém vence sozinho
- ◇ Detalhes decidem
- ◇ Foco no objetivo
- ◇ Enfrente seus medos
- ◇ Tenha um plano B
- ◇ Os jogos na TV
- ◇ TESTE OLÍMPICO: Você conhece os jogos e nossa equipe?

## Fé ajuda

Antes de subir ao ringue, o pugilista Edvaldo de Oliveira ora pedindo a Deus que consiga vencer sem machucar o adversário. Evangélica como ele, a velocista Rosemar Coelho Neto, classificada para os 100 metros rasos em Atenas, diz só ter conseguido o índice para as Olimpíadas graças à fé. "Quando coloquei Deus em primeiro lugar na minha vida, em vez de mim mesma, as coisas mudaram." Sua colega de revezamento Kátia Regina de Jesus diz o mesmo. "Um dia puseram uma faca no meu pescoço. Mas Deus disse que não era minha hora. Se vou às Olimpíadas é porque Ele me deu alguma missão." A amazona Luciana Diniz, católica, encontrou ensinamentos em livros espíritas. Também católica, Vivian, do basquete, lê trechos da *Bíblia* em busca de inspiração na quadra.

Atletas de todas as modalidades têm em comum o recurso à espiritualidade na busca do equilíbrio interior necessário para a vitória. Como são brasileiros, seu perfil reflete a mistura de religiões característica de parte da população. "Minha mãe era católica, frequentei a igreja evangélica e acho bonito o espiritismo", diz Helen, da seleção de basquete. "Fui criada na religião católica, mas já fui a cultos evangélicos e espíritas. Não me sinto bem seguindo uma doutrina só", afirma a nadadora Joanna Maranhão. Essa fusão de crenças é especialmente visível no caso do espiritismo. Segundo o último censo, 1,3% dos brasileiros são espíritas. Entre os atletas da delegação olímpica, essa proporção é de 8%. Mas muitos, embora se declarem católicos ou protestantes, são simpatizantes do espiritismo. Lêem, por exemplo, os best-sellers da escritora Zíbia Gasparetto. O que quer que se pense desses controversos livros atribuídos a espíritos de autores mortos, uma coisa não se pode negar: eles exercem forte influência sobre leitores, ou não teriam vendido 5 milhões de exemplares.

## As manias dos atletas



“NÃO GOSTO QUE NINGUÉM ME SALTE SE EU ESTIVER DEITADO.”

**Osmar Barbosa** (atletismo, 800 metros)

“PÔR A MEIA DO PÉ DIREITO, DEPOIS A DO PÉ ESQUERDO, O TÊNIS NO PÉ DIREITO, DEPOIS NO ESQUERDO, AMARRAR O PÉ ESQUERDO, DEPOIS O DIREITO.”

**Gustavo da Silva** (handebol)

“ANTES DA SELETIVA, EU TINHA DE TELEFONAR PARA DUAS TIAS, NA ORDEM CERTA. SENÃO, NÃO DORMIA.”

**Daniela Polzin** (judo)

“AS VEZES EU PENSO: SOU UMA ARQUITETA, NÃO POSSO ACREDITAR NESSAS BESTEIRAS. MAS JOGO SEMPRE COM A MESMA CAMISETA.”

**Maria Júlia Herklotz** (esgrima)

“LEVO SEMPRE A MINHA SANTINHA DE NOSSA SENHORA DESATADORA DOS NÓS.”

**Helen Luz** (basquete)



# ● **Braga apela pra macumba**

O Bragantino não contou só com o talento de seus jogadores para chegar a final do Paulistão. O pai-de-santo Robério de Ogum deu uma força nas rezas para o Braga chegar lá. Antes do pega contra o Corinthians, Robério defumou o vestiário da equipe e orou bastante para que os jogadores tivessem sorte.

A ajuda serve para a rapaziada ter paz de espírito, equilíbrio e harmonia durante a partida. Para a final contra o Novorizontino, Robério de Ogum já está preparando mais algumas rezas.

Na primeira partida da final, o zagueirão Nei, capitão do time, dificilmente terá condições de jogo, pois se contundiu contra o Timão.